ISSN - 2184-7045

# REVISTA da Casa de Goa

II Série - Número 5 - Jul/Ago 2020

*II Series - Issue 5 - Jul/Ago 2020*

# Ficha Técnica

**II Série, Número 5, Julho - Agosto 2020**

**Diretor**
Vasco Soares da Veiga

**Conselho Editorial**
José Filipe Monteiro
Luis Pereira da Silva
Valentino Viegas

**Colaboradores Residentes**
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)

**Colaboram neste número**
Celina de Vieira Velho e Almeida
Dhruv Usgaonkar
Francisco da Purificação Monteiro
Joe D'Sousa
José Filipe Monteiro
José Venâncio Machado
Mário Viegas
Óscar de Noronha
Shastri Rodrigues Rebelo
Valentino Viegas

Publicação bimestral (seis números por ano), versão em PDF, disponível online

**Design/Diagramação**
Juliano Martins Mariano

**Assistente Editorial**
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisboa.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Direitos de propriedade reservados à Casa de Goa.
ISSN 2184-7045

Sucede aos números anteriores de (ordem alfabética) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter e Revista da Casa de Goa, publicados entre 1989 e 2019.

Publicidade comercial - contacto: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Capa: Coqueiros em Goa, ao longo de bandas e várzeas (cortesia de José Venâncio Machado)

# Technical Datasheet

**II Series, Issue 5, July - August 2020**

**Director**
Vasco Soares da Veiga

**Editorial Board**
José Filipe Monteiro
Luis Pereira da Silva
Valentino Viegas

**Resident Contributors**
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)

**Contributed to this issue**
Celina de Vieira Velho e Almeida
Dhruv Usgaonkar
Francisco da Purificação Monteiro
Joe D'Sousa
José Filipe Monteiro
José Venâncio Machado
Mário Viegas
Óscar de Noronha
Shastri Rodrigues Rebelo
Valentino Viegas

Bimonthly publication (six issues per year), PDF version, available online

**Design/Diagramming**
Juliano Martins Mariano

**Editorial Assistant**
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisbon.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Copyright, Casa de Goa
ISSN 2184-7045

This publication follows previous issues of (alphabetic order) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter, and Revista da Casa de Goa, published between 1989 and 2019.

Commercial advertising - contact to: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Cover: Coconuts in Goa, along bands and paddy fields (courtesy of José Venâncio Machado)

## NORMAS EDITORIAIS

A Revista da Casa de Goa é o órgão oficial da Casa de Goa.

Contém secções regulares abaixo indicadas, nas quais os artigos podem ter limite máximo de palavras e figuras.

1.Capa

2.Conteúdo

2.1.Editorial

2.2.Secções

2.2.1. Artigo Original (limite de 4000 palavras e 8 figuras)

2.2.2. Goeses ilustres (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.3. Opinião e Crónica (limite de 1500 palavras)

2.2.4. Personalidade (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.5. Ecologia (limite de 1500 palavras e 4 figuras)

2.2.6. Entrevista (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.7. Carta ao Diretor (limite de 400 palavras e 1 figura)

2.2.8. Noticiário (limite de 250 palavras e 1 figura por notícia)

2.2.9. Outros (limite de palavras dependente do tipo de artigo e da decisão editorial)

## EDITORIAL INSTRUCTIONS

The Revista da Casa de Goa is the official magazine of Casa de Goa.

It contains regular sections below, in which articles may have a limit of words and pictures.

1.Cover

2.Content

2.1.Editorial

2.2.Sections

2.2.1. Original Article (word limit 4000, maximum six figures)

2.2.2. Outstanding Goans (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.3. Opinion and Chronicle (word limit 1500)

2.2.4. Personalities (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.5. Interview (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.6. Letter to the Director (word limit 400, maximum one figure)

2.2.7. News (word limit 250, maximum one figure per new)

2.2.8. Miscellaneous (word limit depending on the type of article and editorial decision)

### Normas de publicação

Os artigos submetidos devem versar temas relacionados com investigação, preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu.

Os artigos devem ser submetidos à aprovação do Diretor, enviados por correio eletrónico para casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Língua de publicação: a revista é bilingue – são aceites artigos em português (novo acordo ortográfico é opcional) e inglês; o Conselho Editorial reserva-se o direito de rever aspetos formais, nomeadamente o português e o inglês.

Se algum artigo de fundo exceder o limite de palavras, poderá ser publicado em partes, em números consecutivos da Revista. Em casos excecionais e por decisão editorial, o limite de palavras figuradas pode exceder o acima referido.

Os artigos devem conter um Resumo (português) e Abstract (inglês) com limite de 150 palavras, respetivamente, excetuando artigos com menos de 1500 palavras. Se o autor não estiver à vontade para escrever em ambos idiomas, a Revista compromete-se a traduzir no idioma diferente ao da versão integral do artigo.

Todos os artigos submetidos são sujeitos à apreciação pelo Conselho Editorial, podendo ser aceites sem alterações, sujeitos a alterações sugeridas, ou não aceites.

### Publication Norms

Submitted articles should address topics related to research, preservation and dissemination of the cultural identity of Goa, Damão and Diu.

Articles are submitted for publication to the Director and sent by email to casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Language of publication: The magazine is bilingual - articles are accepted in Portuguese (new spelling agreement is optional) and English; The Editorial Board reserves the right to review formal aspects, namely Portuguese and English.

If a feature article exceeds the word limit, it may be published in parts, in consecutive issues of Revista da Casa de Goa.

Articles must contain Resumo (Portuguese) and Abstract (English) with a limit of 150 words, respectively, with expception of articles with less than 1500 words. If the author is not comfortable writing in both languages, the Revista da Casa de Goa makes the commitment to translate to the different language from the full version of the article.

All submitted articles are subject to review by the Editorial Board and may be accepted without changes, suggest changes, or not accept.

Publicidade comercial paga

Commercial Publicity paid

Distribuição e divulgação: distribuída por correio eletrónico aos sócios da Casa de Goa, associações de goeses da diáspora e jornais em Goa. A revista é de livre acesso e de divulgação livre.

Distribution and dissemination: distributed by e-mail to members of Casa de Goa, Goa Diaspora, associations and newspapers in Goa. The magazine is open access and free to be shared.

### NEWSLETTER

Publicada sem periodicidade regular, intercalar aos números regulares, de acordo com a oportunidade e necessidade de divulgação mais urgente de conteúdos, quer pela Casa de Goa, quer por instituições afins.

### NEWSLETTER

It will be published without regular periodicity, in between the regular issues, according to the opportunity and need for more urgent information, either by Casa de Goa or by related institutions.

# **ÍNDICE** | TABLE OF CONTENTS


***Página***
Page

**EDITORIAIS**

**Identidade e afectos |** Identity and endearment – *Valentino Viegas* **6-7**

**Revista – Seis meses depois |** Revista – Six months later – *José Filipe Monteiro* **8-9**

**ARTIGOS ORIGINAIS |** ORIGINAL ARTICLES

**The Chikal Kalo - the mud festival at Marcela |** Chikal Kalo - o festival da lama em Marcela – *Celina de Vieira Velho e Almeida* **10-15**

**Traditional coconut harvest in Goa: routine or ritual? |** A colheita tradicional de cocos em Goa: rotina ou ritual? - *José Venâncio Machado* **16-26**

**PERSONALIDADE |** PERSONALITY

**Shenoi Goembab -** *Francisco da Purificação Monteiro* **27-30**

**Eustácio Dias –** *Mário Viegas* **31-36**

**ECOLOGIA |** ECOLOGY

**Saving Mhadei (Mandovi) for Goa requires research not rhetoric |** Salvar Mhadei (Mandovi) para Goa exige investigação, não retórica – *Joe D´Souza* **37-39**

**OPINIÃO |** OPINION

**Dr. Fernando Jorge Colaço e a famigerada Lei de Evacuados |** Dr. Fernando Jorge Colaço and the ill-famed Evacuee Property Act – *Valentino Viegas* **40-44**

**ENTREVISTA |** INTERVIEW

**Inteview to Dr. Fernando Jorge Colaço |** Entrevista ao Dr. Fernando Jorge Colaço – *Óscar de Noronha* **45-49**

**Entrevista a Amália Rodrigues |** Inteview to Amália Rodrigues - *Óscar de Noronha* **50-52**

**CONTO |** SHORT STORY

**Attulém e Pittulém |** Attulém and Pittulém - *Dhruv Usgaonkar* **53-55**

**POEMA |** POEM

**Goa, where are my Goans? |** Goa, onde estão os meus goeses? - *Shastri Rodrigues Rebelo* **56-57**

**CARTA AO DIRETOR |** LETTER TO DIRECTOR

**Fernando de Noronha: cultor de português |** Fernando de Noronha: a Portuguese scholar - *Mário Viegas* **58-59**

**NOTÍCIAS |** NEWS

**José Furtado: Presidente das Águas de Portugal |** José Furtado: Chairman of Águas de Portugal **60**

**João Leão: novo Ministro das Finanças de Portugal |** João Leão: Portuguese Minister of Finance **61**

**José Arvind Barbosa: Obituário |** José Arvind Barbosa: Obituary **62**

# **PRÓXIMOS NÚMEROS** | UPCOMING ISSUES

## **ARTIGOS ORIGINAIS** | ORIGINAL ARTICLES

**Emissora de Goa** | Goa radio station - *Francisco da Purificação Monteiro*

**Foundation of the Goa Medical School: from setbacks and adversities to reality** | Criação da Escola Médico Cirúrgica de Goa: dos contratempos e adversidades à realidade - *José Filipe Monteiro*

**The Goa Medical School and its importance for the history of Portuguese Medicine** | A Escola Médico-Cirúrgica de Goa e a sua importância para a história da Medicina portuguesa - *José Filipe Monteiro*

## **PERSONALIDADE** | PERSONALITY

**Francisco da Silva Teles** - *Francisco da Purificação Monteiro*

## **ECOLOGIA** | ECOLOGY

**Government frowns and Panaji drowns** | Governo menospreza enquanto Panaji submerge - *Joe D´Souza*

## **ENTREVISTA** | INTERVIEW

**Entrevista ao Dr. António Mascarenhas** | Inteview to Dr. António Mascarenhas – *Óscar de Noronha*

## **CONTO** | SHORT STORY

**Chichundri** – *Valentino Viegas*

## **POEMA** | POEM

**Lockdown dilemma** | Dilema do bloqueio - *Shastri Rodrigues Rebelo*

**Valentino Viegas**

Editor Associado e Sócio Fundador da Casa de Goa

*Associate Editor and Founder Member of Casa de Goa*

## IDENTIDADE E AFECTOS

Uma das marcas da identidade goesa está na Casa de Goa e nos afectos por ela proporcionados ao longo da sua existência.

Foi a necessidade de preservar e dinamizar a nossa identidade que nos levou a criar a nossa casa, pois Goa vibrava e continua a vibrar dentro de nós fazendo-nos recordar sentimentos e emoções que ainda permanecem vivos à flor da pele.

A Casa de Goa não pode ser apenas um airoso edifício revestido de paredes pintadas, com várias divisões e amplos espaços a céu aberto, localizado na capital portuguesa, pois necessita de ser, sobretudo, uma instituição dinâmica que palpite de vida.

Quanto maior for a participação dos sócios e simpatizantes maior será a cadência dos ritmos da sua palpitação. Gostaria que os seus batimentos cardíacos se fizessem ouvir não só em Portugal e em Goa como também em diversos recantos do mundo.

A Casa de Goa assinala a sua existência, projectando a sua imagem no exterior, através de numerosas vias diferenciadas, onde a palavra escrita ocupa um lugar de destaque.

Parte da sua História está retratada nos Boletins, Newsletters e Revistas. São 72 números diversificados, sendo a primeira revista editada, ainda no século XX, em Dezembro de 1989.

Dezenas de colaboradores contribuíram, com os

## *IDENTITY AND ENDEARMENT*

*A Hallmark in Goan identity dwells in Casa de Goa and in the endearments provided by it throughout its existence.*

*It was the need to preserve and boost our identity that led us to create our home, since Goa vibrated and continues to vibrate within our soul, while remembers feelings and emotions that still remain alive to the skin.*

*Casa de Goa cannot be just a drafty building lined with painted walls, with several divisions and wide open spaces, located in the Portugal's capital, because it needs to be, above all, a dynamic institution that thrills with life.*

*The greater the participation of members and supporters, the greater the cadence of the rhythms of their heartbeat. I would like their pulsations to be heard not only in Portugal and Goa but also around different corners of the world.*

*Casa de Goa marks its existence, projecting its image abroad, through numerous and different ways, where the written word occupies a prominent place.*

*Part of its history is portrayed in Bulletins, Newsletters and Magazines. There are 72 different issues, the first magazine was published, still in the 20th century, in December 1989*

*Dozens of collaborators contributed, with their texts, to keep alive the flame that radiates from the far East and illuminates the West.*

*For the Revista (Magazine) of Casa de Goa to be able to give its contribution, with the purpose of portraying, agglutinating, and diffusing the role of the Goan cultural*

seus textos, para manter viva a chama que irradia do longínquo Oriente e ilumina o Ocidente.

Para a Revista da Casa de Goa poder dar o seu contributo, com a finalidade de desempenhar um papel aglutinador e difusor da identidade cultural goesa, como marca diferenciadora da cultura, quer indiana, quer portuguesa, necessita da colaboração de todos os filhos de Goa, dos seus ascendentes e descendentes, e de todos quantos se revêem nos seus estatutos e regulamento interno.

É, pois, com grande alegria que saudamos os novos colaboradores Dhruv Usgaonkar e Shastri Rodrigues Rebelo e, em especial, o novo colaborador residente em Goa, Joe D'Souza, cuja luta incessante em prol da defesa dos valores ecológicos e culturais de Goa tem sido um exemplo gratificante e encorajador para todos nós.

A própria razão de ser da continuidade e durabilidade da Casa de Goa está assente, fundamentalmente, no pilar cultural, porque a Casa de Goa só existe e continuará a existir enquanto sentirmos que somos portadores de algo distintivo em relação aos demais irmãos que habitam o universo.

Todavia, por mais poderosa que seja a palavra escrita, ela não dispensa os afectos que o Covid-19, parcialmente, nos subtraiu.

Sentimos a falta dos convívios, dos abraços, dos beijos, das actividades em grupo, da salutar troca de ideias, de múltiplas acções que alimentavam e fortificavam a nossa identidade ao frequentar a Casa de todos nós.

Quando as restrições impostas pelas autoridades de saúde forem levantadas, espero que os membros da Direcção da Casa de Goa tenham preparado um plano de acção mobilizador, reinventado em função das circunstâncias, capaz de satisfazer os anseios dos seus sócios e simpatizantes.

*distinctiveness, as a differentiating mark of culture, whether Indian or Portuguese, it needs the collaboration of all the sons of Goa, their ancestors and descendants, and all those who review themselves in the statutes and internal regulations of this association.*

*It is, therefore, with great joy that we welcome Dhruv Usgaonkar and Shastri Rodrigues Rebelo inputs to this issue and in particular the new Resident Contributor Joe D'Sousa, whose relentless struggle for the defense of Goa's ecological and cultural values has been a rewarding and encouraging example for all of us.*

*The very reason for the continuity and durability of our association is fundamentally based on the cultural mainstay, because Casa de Goa only prevails and will continue to exist as long as we feel that we have something distinctive in relation to the other people that inhabit the universe.*

*However powerful the written word may be, it does not dismiss the affections that Covid-19 partially subtracted from us.*

*We miss the socializing, the hugs, the kisses, the group activities, the healthy exchange of ideas, the multiple actions that fed and strengthened our identity, while visiting the House of all of us.*

*When the health authorities lift the imposed restrictions, I hope that the Board of Directors of Casa de Goa have prepared a mobilizing action plan, reinvented according to the circumstances, capable of satisfying the wishes of its members and supporters.*

**José Filipe Monteiro**

Editor Associado e Fundador da Casa de Goa

*Associate Editor and Founder of Casa de Goa*

## REVISTA - SEIS MESES DEPOIS

No último mês de Dezembro, após a reestruturação, dava ao prelo o Número 1 da II Série − Maio/Dezembro 2019 da Revista da Casa de Goa, que regressava, assim, à sua denominação original.

No editorial, que escrevi na altura, enfatizava que a reformulação, da Revista da Casa de Goa, tinha por objectivo não focalizar a publicação somente na Comunidade de goeses, damanenses e diuenses residentes em Portugal: que devia antes alargar a colaboração a sócios, simpatizantes e todos aqueles que não sendo naturais desses territórios se identificassem com a sua afinidade cultural. Devia também estender a colaboração à diáspora goesa, bem como aos nossos irmãos residentes em Goa, Damão e Diu.

Pois bem, volvidos escassos 240 dias, e no seu quinto número, em que a incumbência da revista passou a ser da responsabilidade deste conselho editorial, é com enorme orgulho e satisfação que contamos como colaboradores residentes, um quadro de prestigiadas figuras da intelectualidade, não só de Portugal, mas também da nossa terra mãe, que contribuem com regularidade, com o seu saber, sobre os mais variados temas de cultura, história, sociologia e ecologia, entre outros, do passado remoto às questões respeitantes ao presente.

## *REVISTA - SIX MONTHS LATER*

*In the last month of December, after the reorganization, it gave to the press the Number 1 of the II Series - May / December 2019 of the "Revista da Casa de Goa", which was thus returning to its original name.*

*In the editorial, which I wrote at the time, I emphasized that in the reformulation of the "Revista da Casa de Goa", one of the objective was not to focus the publication only on the Community of Goa, Damão and Diu, residents in Portugal: rather, it should extend the collaboration to partners, supporters and all those who, although not born in those territories, identified with their cultural identity. It should also extend the collaboration to the Goan diaspora, as well as to our brothers residing in those territories.*

*Well, after just 240 days and in its fifth issue, in which this editorial board was in charge of the incumbency of the magazine it is with great pride and satisfaction that we count as resident collaborators, a cadre of prestigious figures of intellectuality, not only from Portugal, but also from our motherland, who regularly contribute, with their knowledge, from the remote past to issues relating to the present, on the most varied themes, among others, of culture, history, sociology and ecology.*

*On the other hand, it was our intention, simultaneously, to disseminate the Magazine to all corners of the world where our Diaspora is rooted and, naturally, starting with our beloved Goa.*

*A few days ago, we received two messages that came*

Por outro lado, era nosso intento, simultaneamente, divulgar a Revista por todos os cantos do mundo onde estivesse radicada a nossa diáspora e, naturalmente, a começar pelo nosso torrão natal.

Há dias, recebemos duas notícias que nos deixaram particularmente felizes, e que vão ao encontro dos nossos desígnios:

Da "Rare Books Section of Central Library" de Panjim, através da sua responsável, Marianita Paiva, recebemos o convite para que a nossa revista fosse enviada para esta instituição pública onde passará a estar disponível em versão impressa.

Uns dias após, recebemos, através do correio electrónico de Frederick Noronha, um grande divulgador de Goa, a auspiciosa notícia que a nossa revista seria disseminada pelo fórum Goanet, que conta com mais de 25 anos de existência e milhares de assinantes da diáspora goesa.

Aos dois, um nosso grande bem-haja!

Aos nossos leitores prometemos continuar a trabalhar para fazer a "Revista da Casa de Goa" cada vez melhor!

Ao fim e ao cabo, "O caminho faz-se caminhando"

*across our purposes and thus made us particularly happy,*

*From Panjim's "**Rare Books Section of Central Library**", through its supervisor, Marianita Paiva, we received the invitation for our magazine to be sent to this public institution, where it will be available in print version.*

*A few days later, we received, via Frederick Noronha's e-mail, a great Goa promoter, the auspicious news that our magazine would be disseminated through the **Goanet forum**, which has more than 25 years of existence and thousands of Goan diaspora subscribers.*

*To both, our great well-being!*

*To our readers we promise to continue working to make "Revista da Casa de Goa" even better!*

*At the end of the day, "The path is made by walking"*

# The Chikal Kalo - The Mud Festival At Marcela

*CHIKAL KALO - O FESTIVAL DA LAMA EM MARCELA*

by **Celina de Vieira Velho e Almeida**

Master in Arts and Education. Goa and Bombay/Mumbai Universities

*Bacharel em Pedagogia e Letras, Mestre em Português e Pedagogia, pelas Universidades de Goa e Bombaim/ Mumbai*

**Abstract**

Do you think of visiting Goa? Come during Monsoons when Goa is wet and soaked to the skin by the falling rains. People in Goa celebrate so many festivals linked to Nature. The Chikal Kalo is unique in India as no other state has the same celebration of playing with the mud. Goa is also proud that this temple at Marcela has a matchless statue of Devika in black stone and four hands. We are proud of our uniqueness and our traditions. Let us preserve them for our future generations.

**Resumo**

Pensa visitar Goa? Venha durante as monções quando Goa está molhada e empapada até a pele pelas chuvas torrenciais. As gentes de Goa celebram muitos festivais vinculados à Natureza.

O Chikal Kalo é único na Índia, dado que nenhum outro estado celebra o entretenimento com a lama. Goa também se sente orgulhosa do seu templo em Marcela que tem uma estátua, inigualável, de Devika em pedra preta e quatro mãos. Estamos orgulhosos da nossa singularidade e nossas tradições. Vamos preservá-las para as futuras gerações

## Marcela − Etymology

Going by its etymological meaning Maha (great) Shala (school) Mahashala, which, later the Portuguese spelt as Marcela is a village situated in the district of Ponda and at 16 kms from its headquarters. Some archeologists believe that Marcela was a great center of learning in pre-Portuguese times, if one goes by its etymological meaning – "Mahashala."

There are neither traces nor records to prove that there existed a great center of learning like in ancient Nalanda. Nor any mention of them is made in the Gazetter of Goa Daman and Diu compiled by V T Gune," according to late Mr Carmo de Azevedo in Goa Today Magazine, October 1989.

People, The Raja of Sonde and Religion

The main occupations of the people of Marcela were agriculture and horticulture, as wells abounded in the village from ancient times and the water helped in irrigating the fields. Today with tap water spread in the village, the wells have been rendered obsolete.

Marcela has about 5 temples like the Laxmi- Narayan, the Ganapathi, the Purush, and the Mahadeva. So, this suggests that Marcela was a center of great religious spirituality. The most treasured temple in this village and unique in Goa, is the Devaki – Krishna. This temple is situated in a flat valley among lush green hills, near a tributary of the Zuari river. Kamla Mankerkar in her book "Culture and Religious traditions in Temples of Goa" says that the Sonde Raja patronized this temple and it is due to his pleadings that the image of Devaki was brought to Marcela from Chorão (Chodan), when religious persecutions by the Portuguese were widespread, 40 years after their arrival. Initially, the Mahajans had decided to take the image of the goddess Devaki to Mayem in the North and later wanted to migrate with it to Karnataka. May be for this reason she is called the migrant goddess. But the persuasion and the pleadings of Raja of Sonde helped them to change their minds and settle in Marcela.

The Raja of Sonde assisted them in myriad ways: provided them with a large tract of land in a flat valley, offered financial support to build the temple, assisted in the continuation of the already existing centers of learning Sanskrit and Ayurveda Sciences, facilitated learning of music and other forms of Art. The image of Devaki – Krishna, which was brought from the temple of Chorão, known by the same name, is believed to be a very antique image. Constant pujas and other rituals defaced the image and it developed cracks. So, a new image was carved from the black Shaligram stone, found in Nepal, on the banks of the Gandak river. The image was installed in the temple in the year 1979 amidst great religious fervour. The old image has been consigned in the well of the temple.

The new image of the goddess is in a standing posture with the child Krishna sitting across her hip. It has four hands. The hands hold the earth, a conch, a flower, and the disc of Vishnu. This posture, like the temple, is unique in Goa. The iconographic rules for Devaki have never been followed in Goa as she is not venerated anywhere else, except in this state. The artist has depicted the goddess with four hands and her attributes are displayed through what she carries in her hands.

Vinayak Narayan Shenvi Dhume in his booklet in Marathi Devi Krishna Temple at Marcel, Goa, also confirms the historical facts narrated by Kamla Mankerkar about the persecution and destruction of the Hindu temples in Chorão (Chodan) between 1530 –1540 and the urgent need that the Hindus of those years felt in fleeing the island with the images of the deities, before they could be destroyed. The flights were always through the river with the images safe in their hands. The villages that were free from the Portuguese rule were the ones the Hindus chose to settle and the first one and the nearest was the village near Mayem, known as Vade. But as the Portuguese rule spread its grip to Mayem, it was found that the deities needed to be reallocated again. The village chosen was Marcel in Ponda Taluka. This Taluka was, emblematically, under the rule of Adilshah of Bijapur, but, the Hindu chiefs, the Desais and the Sardesais administered the Ponda taluka. Marcel would be the best choice and the safest place for the deities to be time − honored. Initially, the deity was kept in chowki until the beautiful temple of Devaki – Krishna was completed according to Vinayak Narayan Shenvi Dhume.

The temple, about 100 meters away from the main road, is in the middle of a very spacious compound. It has the same prototype of the temples of Ponda, with an entry gate and an enclosed inner compound with few

steps that lead the devotees to the mukhmaandapam of the temple. This temple, white and ochre in color, which is about 300 years old celebrates many feasts associated with Lord Krishna. One is the birth of Lord Krishna and is known Shri Krishn Janmotsava or in common language, Ashtami.

The Mud Festival or Chikal kalo

The mud festival at Marcela is a unique one, little known to the people beyond Ponda (Figure 1).

Figure 1. The mud festival at Marcela is a unique one

Like all goan folk festivals and fests, the Chikal kalo is strongly linked to an element of Mother Nature, the mud. If you ask any elderly Marcelcar or Mashelcar when was the beginning of this celebration, you will get answers as varied as "I do not know", "my grandparents used to play in the mud on this day" , "probably 300 years back", others state with wisdom. It is difficult to go back in time to ascertain the moment in Time, when the folk festivals began, as there is no written evidence about them beyond 300 years back.

Some elderly villagers have a different explanation for this festival. According to them, when the temples were being destroyed by the Portuguese most Hindus shifted to Ponda as Hindus governed it. This festival perhaps was instituted in those years to unite the Hindu community of Ponda. Whatever may be the reason behind the celebration, Chikal kalo festival is very much a part of the cultural, environmental, and religious consciousness of the Marcelcars. Only original settlers of the village can participate in this fest. Caste and age do not debar participation. Women refrain from associating in this event but their presence at the feast is very much inclusive when the preparation and distribution of sweets is done.

The temple where it is celebrated is only one of its kind in the whole of India, as it is dedicated to the mother and the child: Devaki Krishna. The celebration is on the twelfth day of the month of Ashad of the Hindu calendar and this day happens to be in mid-July. Heavens pour endless rain and the ground is so drenched and the mud so wet that it creates the appropriate conditions for this enjoyable rain celebration. On Ashadi Ekadashi, the singing of the bhajans begins at noon by lighting the lamp of the temple. As per tradition of the temple, every household of the village was allotted a time where they could sing but today it has been substituted by singing competitions of bhajans. Meanwhile to return to our festival, the singing of bhajans in the temple continues through the night and ends on the next day at 11 a.m. At this juncture, the natives wearing only shorts, start to fill the compound of the temple with their bodies polished with coconut oil to protect themselves from infections form the mud. They dance and sing and offer a prayer around the lamp that is perpetually lit. On the dot they take a small amount of oil from the lamp and rub it on their arms in the belief that Devaki will protect them from all dangers. Then the Bhatji or the priest of the temple sprinkles on them holy water of Krishna.

The great moment has arrived. The group descends in a procession to the square in front of the temple, singing bhajans to the accompaniment of the mridang and tal, the two instruments which were so loved by Lord Kkrishna. Everyone is singing in Chorus:

Figure 2. One of the games at Marcela

*Gopal Gadi ya re* / Oh friends of Krishna come here

*Gopal gadi aikre maji* / listen to me my friends

*Gadi Kon Kon astil ya re* / whosoever are the players please come

*Gopal aika re* / friends listen to me

*Rampara rampara* / (rhythmic tune sung together)

This is an invitation song that Lord Krishna used to sing at Mathura, his birthplace in North India asking his companions to come and play with him in the mud.

The procession has a leader and his role is important in the open area of the temple where children and young and old play with mud. Then they pick up handfuls of mud and slosh and splatter and throw it on each other believing that Lord Krishna is among them. The entire crowd in the square is fully covered with the sticky brown stuff from head to toe and become unrecognizable. Then, the leader takes charge of the games. These games are those that Lord Krishna played with his friends at Mathura and are described in the mythical texts of the Hindus. They have necessarily to be played at Marcela. There are about eight games (Figure 2), which are played to the beat of two musical instruments, the favorites of Lord Krishna.

The most interesting game is the Chakr or the wheel.

Youngsters lie on the ground and make a formation resembling a wheel by touching their feet. The leader gives the command to start the game, so the human wheel of youngsters starts to rotate, the wet mud below them facilitating their rotating movement.

Then there are other games where people revive the Bow and Arrow era, the Tug of War, the shepherd protecting the sheep, the game of frogs where only children can participate as they have to jump over each other, the Mouse and the Rat. Senior citizens generally do not participate in these exhaustive physical games, but they sing traditional songs and get pleasure by playing with mud and recalling their good old days (Figure 3).

The games last about 3 hours. Before the end, the lagin or the wedding is celebrated. Two local boys are chosen. One as a bride and the other as a groom. Two natives carry the bride and the groom on their shoulders in a procession, accompanied by singing and playing of musical instruments A mock marriage is celebrated in the traditional way. The groom and bride are decorated with local seasonal flowers. To wrap up the ckikal kala fest, the Dahi Handi is played to honour Krishna, as he loved dahi (curds). The participants make a human pyramid and break a mud pot filled with curds, which is hanging from a branch of the peepal tree. It splatters on the crowd below. It is not an easy game to form a pyramid since all are covered with mud and oil, but finally they do succeed.Subsequently, the participants bathe in the river and return to the temple to take the Prasad. The feast is over, and everyone returns to their homes hoping to participate in the Ckikal kalo of the following year.

"What if the Rain Gods delay in sending rain to Marcela?

Why worry? We will get tankers pouring water in the temple square and celebrate the mud festival, all the same", said an elderly villager to me.

The feast is of such great rural importance that local educational institutions declare a holiday. Mashelcars working in Government offices and private companies ask in advance for leave on that day so that everyone can participate in the Feast. It is folk knowledge that on this day people fulfill two vows made in the previous year. The mud at the temple of Devaki Krishna has curative effects for some skin diseases. Those who have been cured return to fulfill their pledge. Devaki – Krishna is the epitome of mother – child relationship. Childless women place the image of Krishna, which is carved out of tulsi stem, in the layers of their sari and if she gets a child, she comes back to fulfill her gratitude for granting her the promise. Interestingly, the vows consist not only in praying but also in preparing a special sweet, which resembles a paratha or a puran poli stuffed with jaggery and scrapped coconut. The distribution of these sweets is also an added out of the ordinary way: The person stands on a stone platform near the temple and flings the sweets to the crowd below. Some of the sweets fall in the muddy ground and others are skillfully caught and enjoyed by the crowd. The people serving the sweets believe strongly that they are serving Lord Krishna and his companions.

Figure 3. Senior citizens sing traditional songs and get pleasure by playing with mud.

These folk festivals are embedded in our cultural ethos. They help to sustain local communities and animate public life for a while. Hi - tech festivals happen all over the world with better organized programs. What we need in Goa is an integrated approach that will not only help in supporting the communities that celebrate these fests linked to Nature but also participation of tourists without causing a bang on the environment of Goa.

Mud festivals are celebrated in many parts of the world like in Boryeong in South Korea, in Louisiana in USA, in Brunsbuttel in northern Germany and the Mud Olympics near Hamburg in Germany. The most well known of all is the Korean festival where millions gather for weeks of muddy frolic. But none of these has a religious underpinning like the one at Marcela, Ponda, Goa.

*GLOSSARY*

*Ashad:* Month of the Hindu calendar, which corresponds to the months of June /July of the Gregorian calendar

*Ashadi Ekadashi:* Eleventh day of the month of Ashad

*Ayurveda:* Indigenous system of medicine in India

*Bhajans:* Devotional songs sung in the Hindu temples, to glorify God

*Chikal:* Mud

*Chowki:* sanctified plinth or square

*Curds:* Corresponds to yogurt in the west, with a thin line of difference

*Dahi Handi IN:* the Hindu Festival celebrating the birth of Lord Krishna, young boys and men form a pyramid in different layers in order to break the clay pot ( handi) filled with dahi (yogurt )hung from peepul tree at a certain height

*Devaki:* Derived from the word Deva meaning Divine

*Krishna:* One of the most widely revered and most popular of all Indian divinity, worshipped as the eight incarnation of Vishnu

*Mahajan:* People who oversaw managing the temple administration. Locally were addressed as mhaazan from where the Portuguese word mazania has its origin

*Mathura:* Birthplace of lord Krishna situated in Uttar Pradesh, in North India

*Mukhmaandapan:* Entrance porch of the temples

*Peepul tree:* Ficus Religiosa or the Sacred Fig Tree It is considered sacred to the Hindus, Jains and to the Bhuddists.

*Prasad:* Food that is a religious offering in Hinduism and Sikhis, consumed by worshippers

*Pujas:* Main ritual of Hindu temples in India

*Puranpoli:* Sweet flat bread in India stuffed with lentils /jaggery, scrapped coconut

*Raja:* King

*Shaligram:* Is a fossilized shell, black in colour, used as an iconic symbol and reminder of God Vishnu Normally found in Nepal on the banks of the river Gandak

*Tulsi:* A sacred plan to the Hindus, which also has medicinal value

# Traditional coconut harvest in goa: routine or ritual ?

## *A COLHEITA TRADICIONAL DE COCOS EM GOA: ROTINA OU RITUAL ?*

by **José Venâncio Machado**

Agronomist, retired (Instituto Superior de Agronomia - ISA, Lisbon)

*Engenheiro Agrónomo, reformado (Instituto Superior de Agronomia - ISA, Lisbon)*

**Abstract**

Introduced in Goa long before the arrival of the Portuguese, the coconut became one of the backbones of the economy of its coastal zones. To coconut farming are associated certain rules and traditions, namely regarding the harvest of coconuts, which is generally carried out four times a year, over and over again. Has it become a routine? To answer this question, the author describes the traditional coconut harvesting in Goa, likely a unique event in the world in which the central figure is the "Oler" (the judger), with knowledge of genetics, biology and morphology of the coconut palm, which are transmitted from generation to generation. Based on this knowledge, the oler can determine how many coconuts had mature and fallen or stolen between two consecutive harvests. This paper is a contribution for the comprehension of this matter and for keeping a memory of this old time ritual, which is being set aside.

**Sumário**

Introduzido em Goa muito antes da chegada dos Portugueses, o coqueiro tornou-se um dos pilares da economia das suas zonas costeiras. À lavoura do coqueiro estão associadas certas regras e tradições, nomeadamente quanto à colheita de cocos, que é efetuada, em geral, quatro vezes por ano, anos e anos sucessivos. Tornou-se uma rotina? Para dar uma resposta a esta questão, o autor descreve em que consiste a colheita tradicional do coco em Goa, possivelmente um evento único no mundo em que a figura central é o Oler (julgador), com conhecimentos de genética, biologia e morfologia do coqueiro, que são transmitidos de geração em geração. Baseado nesses conhecimentos, o oler pode determinar quantos cocos caíram ou foram roubados entre duas colheitas consecutivas. O presente artigo é um contributo para a compreensão deste tema e para a preservação da memória deste ritual antigo, que está a cair em desuso.

## 1. The importance of coconut in Goa

The Tree of Life – this is one of the many epithets of the coconut palm, as it provides the three main needs for the survival of a person: food, water and shelter (the three As in Portuguese: alimento, água e abrigo). Coconut is one of the kalpavriksha plants (wish-fulfilling divine trees) in the Hindu mythology and religion. It is said that the number of products that can be obtained from the coconut palm is as vast as the number of the days in a year. The Tree of Abundance, The Heavenly Tree, the Providential Tree and even Nature´s Supermarket are other labels of this prodigious palm.

In Goa, the coconut palms are an intrinsic part of its landscape: they embellish the roads, uphold the "bands" (dykes) in the rice fields and provide canopy shade in the beaches. Above all, they are (were) the backbones of the wealth of many smallholders and landlords in the littoral areas. According to D. Kosambi, cited by Teotónio R. de Souza[7], settlements on the west coast were possible due to the existence of coconut trees. The only commodities that could be traded to pay for other goods they needed were copra (coconut kernel dried for oil extraction), salted fish and salt.

Presently, according to the Directorate of Agriculture of Goa[2], the area under coconuts is 25 730 ha, with an estimated total production of 130 million of coconuts (yield of 5 000 nuts per ha). Salcete, with its 6 145 ha, is the major producing district.

It is not known when the coconut was introduced in Goa, but was long before the arrival of the Portuguese. Garcia de Orta refers to it in 1563[3] and John Huyghen Van Linschoten, the Dutchman who lived in Goa from 1583 to 1588, made a drawing showing a landscape with coconut palms (Figure 1). In this Figure, copied from Ferrão[3], we can see tall coconuts being harvested and some legends with Portuguese words: coco and lanho. The men are shown with their xenddi (hair tuft), since the xenddi tax had not yet been imposed by the Portuguese rulers at that time. Van Linschoten published this painting in 1596, as well as the Portuguese secret maps and vital documents for navigation that he meticulously copied while working in the office of the Portuguese Viceroy, enabling his countrymen to dominate the navigation and commerce in South Asia, till then controlled by the Portuguese.

Figure 1. Van Linschoten's drawing
(*Courtesy of Mendes Ferrão*[3])

The coconut farming system in Goa is, therefore, ancient and was adapted to the socio-economic structure of its population. We found the following features of this system:

1. The cultivation of tall coconuts (*Cocus nucifera L.* var. typica), which yield better quality copra and has a long life (over 50 years). The dwarf varieties (var. nana) and their hybrids (typica x nana) (Figure 2), although more precocious, prolific and easy plucking, were excluded for obvious reason. They may become useful now with increased demand of coconut water.

2. Cultural practices included the cleaning of the plots, maintenance of a small hollow around the coconuts (aeration, water retention), fertilization with ashes, salt (not for Na, but for Cl), mud, foliage and, sometimes, depending on the financial wealth of the landlord, with dried or fresh fish. Yes, fresh mackerels in the years of surpluses (now-a-days this would be considered a luxury or a fantasy). Coconut saplings, as mentioned by Lopes Mendes[4] and by Bragança Pereira[1], were transplanted when the Hindu star Bharani (constellation of Aries) appeared, from 24 April to 7 May; or when the Mogó (a star related to rain?) appeared in August; or in November, during the New Moon. Hence, organic farming with principles of astrological agriculture and biodynamic farming, that are now gaining some importance, was already practiced by the Goan farmers.

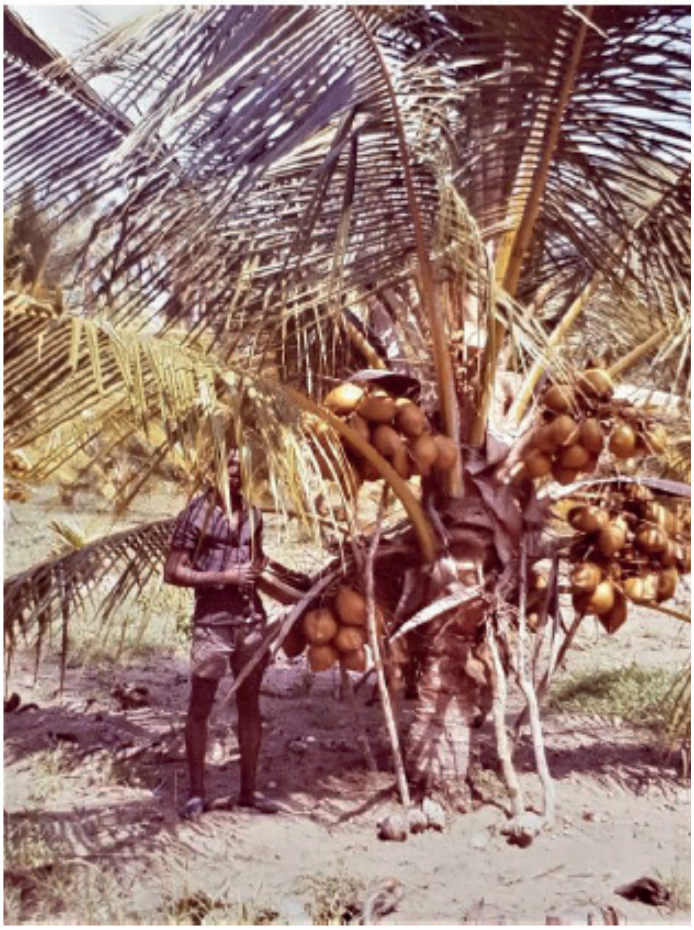


Figure 2. Hybrid coconuts (tall x dwarf) in Zambezia Mozambique (*photo of JVM, 1973*)

3. The harvesting of coconuts (called padd or paddo in Konkani and colhimento in the Portuguese of Goa) takes place, generally, four times per year. Plucking is carried out by skilled climbers (paddkars in Konkani; colhedores ou derrubadores in the Portuguese of Goa), led by a judger or assessor (oler in Konkani and julgador or olheiro in Portuguese). His role as manager of plucking is explained in the Chapter 3. Picking by the use of bamboo poles or by trained monkeys were not adopted. These methods have been used in some other regions in Asia. The hand plucking is certainly more expensive, but in compensation the pickers can cut some leaves, entire bunch of coconuts and clean the coconut crown. There are now several pilot devices for climbing, but are less speedy.

4. The storage of coconuts in a store room for a certain period of time was respected in order to improve the copra quality of coconuts picked slightly before full maturity (11-12 months, see Chapters 2 and 3) and to sell them when the market price was better.

5. The coconut production was sold to dealers or processed into copra by sun drying (construction of smoke or hot air dryers was not necessary). Coconuts

were dehusked, cut in halves and sun dried turned up on a bamboo mat. Sun drying was carried out only in the hot and dry season (end-February to mid-May), since for a good quality copra it is recommended that its water content be reduced from around 45% to 20%[5] in the first two days to avoid microbial growth and then more two or three days till kernels could be separated of the shells, for which a sharp hardwood tool was used. The kernels were dried for more two days till water content is reduced to about 6% (Water Activity Aw of 0.72[5]). Oil extraction was processed in the local mill and copra cake was used to feed the pigs.

6. Vigilance of the plantation was undertaken by a watchman (tollu, terlu or terlukar), who had to collect the fallen coconuts between two consecutive harvests and to return them to the owner, receiving for his job a fee and the right to collect the fallen leaves and empty bunches or to build a small house in the land under his care (becoming a mundkar).

In this regard, one question emerges: how to know the number of coconuts missing or were stolen from a coconut palm? This requires a knowledge of the biology of the leaves, inflorescences and infructescences of coconut. Below are some notes on this subject.

## 2. Biology of tall coconut leaves and infructescenses

### 2.1 The leaves

In the coconut crown (Figure 3) we can see around 20 to 30 opened leaves, plus a certain number of coconut bunches at different stages of development. We cannot see the central bud - the terminal primordia - responsible for the palm growth, which is protected by unopened leaves. This whitish savoury palmito is a "millionaire´s salad" that could only be tasted if or when a coconut palm is cut down. The leaves are disposed in spiral, clockwise or counter clockwise (no relation was found with botanical variety): one leaf base is covered one fifth by the next leaf base, so that the sixth leaf reaches a position nearly above the first leaf after two rounds on the stem. Each mature leaf is approximately 3-5 m long and 1 m large and weighs around 15 kg. It has 200 – 250 leaflets. When leaves are young, we can see the stipules around their base, which dry and fall after certain time. A coconut produces 12 to 14 leaves per year, nearly one per month, depending on palm health and age. The lifetime of a leaf is 24 to 30 months and it falls leaving a permanent neat scar on the stem. Coconut age can be calculated roughly dividing the number of scars by 13.

### 2. 2 Flowers and Fruits

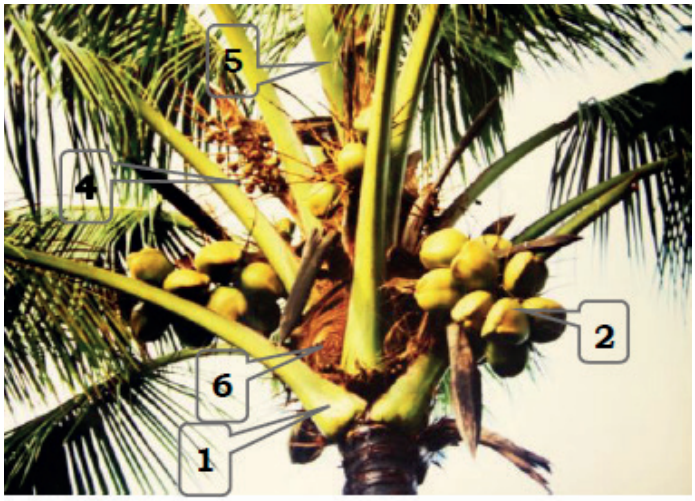



Figure 3. Coconut crown: 1. Leaves (Clockwise insertion), 2 Bunch, 3. Opened spadix, 4. Female flower, 5. Spathe. 6. Stipules (*Courtesy of Francisco V. de Sá*)

In the axil of each leaf grows a spadix – an inflorescence composed of a central axe with about 30 side branches (spikes) bearing 20 to 30 female flowers and around 200 male flowers. This spadix is protected by a spathe, a hard bract, nearly one meter long, which opens longitudinally when the respective leaf is 12 months old, allowing the inflorescence to come out. The female flowers are like small coconuts. Each spike has one or more female flowers. They are

generally cross-pollinated, by pollen from a male flower of another palm, which is transported by the wind and insects. One of these insects is a tiny honey bee (*Aphis indica*). We used to have hives of this bee in a wood box hung at the edge of the house roofs.

A coconut produces around twelve inflorescences per year, nearly one per month, the same as the leaves, but some of them may not develop at all. Furthermore, not all female flowers are fertilized and some may abort after fertilization or not develop the kernel (called vanz or bondoh in Konkani). A coconut requires 11-12 months after flower fertilization to reach maturity for a proper harvest. The coconuts are tightly bound to the spikes by its perianth (Figure 4), a sort of flower on the top of the coconut, consisting of the calyx (sepals) and the corolla (petals). Since the lifespan of a leaf is over three years and of a bunch is about two years, and because some inflorescences may not develop, some leaves may not have bunches in their axil.

In Goa, the first mature bunch of the year is called Mall (collected in March), the second is Dall (in

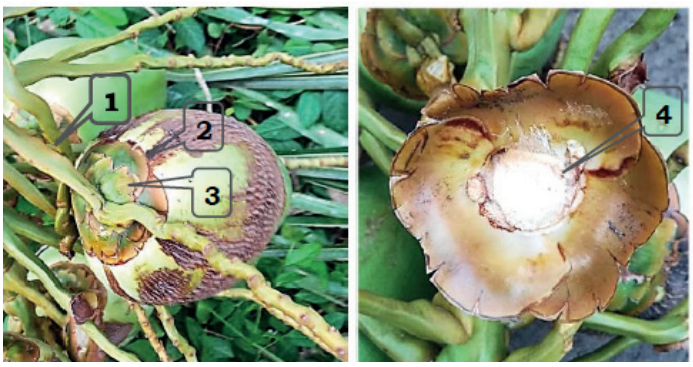



Figure 4. Coconut with its perianth. 1. Spike, 2. Corolla and petals, 3. Calyx and sepals, 4. Perianth interior (bottom size) (*Courtesy of Norvin Machado*)

May), the third is Tissrem (in August) and the fourth is Choutem (in December). There are seasonal and annual variations in the production, as can be seen in the graphic (Figure 5), which is based on data we

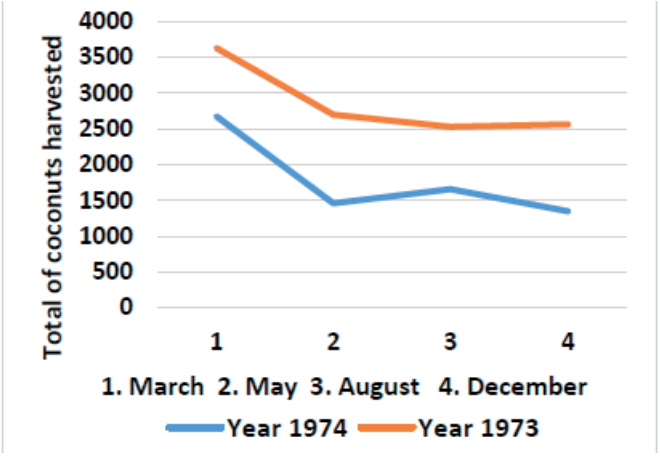



Figure 5. Seasonal and annual variations of coconut production (*JVM, Data collected in Colva, Goa*)

collected in six coconut plots in Colvá, Goa. March harvest is the best in quantity of coconuts.

### 3. The harvesting of coconuts

The coconut flowering and fruitification is continuous throughout the year. Ideally, harvesting should take place every month. A compromise is to harvest three to five times a year, in general four times. This implies the harvest of some less mature coconuts (10 – 11 months age, instead of 12). Even so, some coconuts may naturally fall after reaching full maturity and need to be collected. This and the need to avoid thefts of fresh coconuts nurtured a complex harvesting procedure that, we believe, is unique.

The owner of a plantation agrees with the "oler" the date for starting the harvest. He has the duty of determining (judging) the number of coconuts missing in a palm between two consecutive harvests, based on his knowledge on coconut genetics, biology and morphology, which is transmitted from generation to generation. He will recruit a team of two to six pickers, according to the number of coconuts to be harvested per working day (a paddkar can pick 40 - 50 palms per day). They should be skilled in plucking and climbing (they may have to

climb coconuts palms over 30 m in height, so they are light-weight men).

Harvesting can last one day to over one week, depending of the extension of the plantations and their relative locations. We attended several traditional harvests in our youth, which consisted of the following actions:

3.1 Starting with a Tarzan yelling

On the day agreed for harvesting, the work in the plantation starts early morning, around 06.30. Placing their hand on the first palm to climb the pickers announce loudly through a sort of Tarzan yell that their work is starting. This is to notify the watchman to be present and to alert any passer-by. Some pickers pray before first climbing.

3.2 Climbing and plucking

For climbing, the picker uses the khoddum (a set of straps or ropes made of coir) wrapped around his bare feet (Figure 6). In order to help him to climb or to have a support while plucking, he may have to make a small bevelled cut on the stem (Figure 6) with his machete for plucking (koito). Some pickers use the ankddo to securely carry the machete and bring a second khoddum with them.

While plucking, the picker has to decide whether to cut an entire bunch or some mature coconuts only (khuntop), as not all fruits are matures in a bunch. They have to cut old leaves, as well, and to clean the crown of unwanted organic material. Sometimes, nests of rats are found in the crown; whoever kills them is rewarded.

Coming down from the palm, the picker makes a small cut with his machete on the stem, at eye height, in the vertical of the first bunch to be plucked in the next harvest. According to Menezes[6] these are the

Figure 6. Paddkar climbing. 1.Rope (koddum), 2. Machete (coito), 3. Bevel cuts (*Courtesy of Norvin Machado*)

conventional signs (cuts): "II" for March harvest, "/" for May, "I" for August, "X" for November/ December, "N" if there is a fifth harvest and "+" if he made a mistake.

3.3 Assessment of missing coconuts (the oler in action)

Once the picker has made the above sign, the oler examines the bunches that had been cut to determine how many coconuts had fallen down naturally since

the previous harvest (called dentts in Konkani) and any coconut that might have been picked illegally. If the bunch presents a dried perianth then a coconut dropped naturally; if it is fresh internally, the coconut was detached of the bunch during its fall; if a perianth is missing then a coconut was illegally picked. The oler announces loudly the number of dentts in the bunch. This number is taken note by both the watchman and by the oler or by the landlord, if present. Instead of using a paper and pencil, it is a tradition to use a coconut half leaf blade and to fold it vertically for "1" or inclined "/" to representing 5. By this method, it was solved a problem in case the oler or the terlu were illiterate in Latin numeration. In the Figure 7 the number of dentts is 19.

By counting the number of bunches plucked and looking up to the crown, the oler may conclude if an entire bunch was stolen. How? In each harvest, the oler uses the chap - a cross-shaped hammer with four metallic heads, each with a number from 2 to 5 (Figure 7) – to punch on the stem the number of bunches (mandors) the coconut has in the first spiral of leaves (it is worth recalling that not all inflorescences are fertile). This punch is made just below the cut made by the picker, thus confirming his sign. By this way there are on the stem at the eye height three important indications for the next harvest: the month of the last harvest, the first bunch to pluck and the number of bunches that could be plucked in the first spiral of leaves, if fully mature.

The chap belongs to the plantation owner. It was a sort of a symbol of his status. It is difficult to find one actually, even in the antiques shops.

The task of the oler is challenging and demanding, given the complexity of coconut biology and morphology and the need to detect terlu´s cheating tricks, in case he has picked some coconuts from the palm. Plácido de Menezes[6] offers a detailed description of all aspects that could help the oler and the landlord on this complex matter (it is the sole book on this subject we could find). Menezes also gives some examples of the torlu´s tricks. One of them is to pick some coconuts on the eve of the harvest, so the perianth seems fresh, like when the coconut is separated on the fall of the bunch. In case of doubt, just little sand or soil is a good help: if it sticks to the inside part (bottom) of the perianth then it is fresh. There were cases of terlu´s bribing the pickers. For instance, they can make the sign below the second bunch to cut in the next harvest, instead of the first, so this one could be stolen by him. This is likely the reason why it is the oler himself who hired the pickers he trusts.

3.4 Breaking for a canjee (or pez)

The work is interrupted at around 10.00 am for a rest. During this break, rice soup (canjee or pez) is offered by the landlord, accompanied by a piece of miskutt, pará or dried fish. This soup is prepared at his house and brought in a traditional clay pot. No need

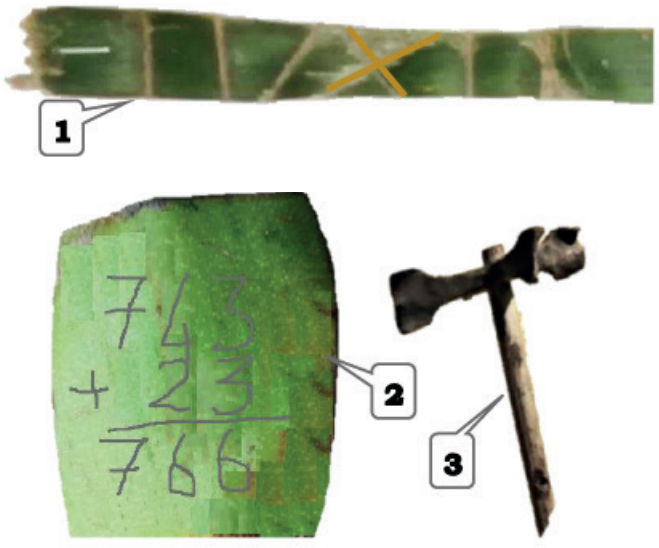



Figure 7. Three items of the coconut farmer: 1. Leaf lamina and 2. Piece of husk as notepads and 3. The "The Chap" as marker. (*Courtesy of Shastri Rodrigues Rebelo*)

of plates and spoons. The pickers will cut a recently opened coconut spathe for everyone, in which the soup is served with a douló – a spoon made of coconut shell, with bamboo stick handle. Lunch is taken at everyone´s home. Work is resumed after the siesta.

3.5 Singing on the coconut stem

To alleviate the burden and the concentration required for their work, some pickers used to sing folk songs, often adapted for expressing village gossips, rumours and scandals, in the same spirit of Goan tiatr and kell. They were from the village and aware of what was ongoing in the village and in Goa, in general.

3.6 Separating coconuts from bunches

All bunches, coconuts, leaves and spathes are transported by women workers and gathered in a collection point on the plantation. At the end of the day, the pickers will trim all bunches using their machete to separate the coconuts. They also reject the small coconuts that didn't develop the white kernel (vanz). The pickers and the oler will get the number of coconuts they have right per day (plus cash).The oler receives more two coconuts. It is also the occasion for the farmer to select some coconuts for seedlings and the watchman to return the coconuts collected (dentts), after counting the number of dentts in their leaf blade.

3.7 Counting of coconuts

Counting is done by all pickers (Figure 8). Forming a line and using both hands, they throw the coconuts backwards, all at the same time, under rhythmic scoring of the oler. So, the number of coconuts to be piled is equal to the last score multiplied by the double of pickers plus the number of dentts. The grand total is taken note by the landlord and by the watchman on a piece of fresh coconut husk (Figure 7).

3.8 Temporary piling in the plantation

Some landlords have or had a bungalow near the plantation with a storeroom for coconut and rice paddy. The majority of coconut farmers, however, didn't have such facility, and they had to keep their coconuts in

Figure 8. Counting of coconuts
(*Courtesy of Francisco V. de Sá*)

the plantation for some time, till they could transport them to a storeroom (loz) in their house compound. The coconuts were piled up and the heap was covered with coconut leaves. Around the heap were placed empty bunches (savok) and a layer of sand or soil was smoothly levelled, so the footprints are left in case of theft (Figure 9). It is a rudimentary preventive measure that worked well, as we didn't notice of any theft in the past (or the nearby people were reliable).

3. 9. Transportation

In the past, the accessibility to the plantations by road was very limited, even for a bullock cart (gaddo). The resort to women-labour, predominantly, was the sole option. They could carry about 35-40 whole

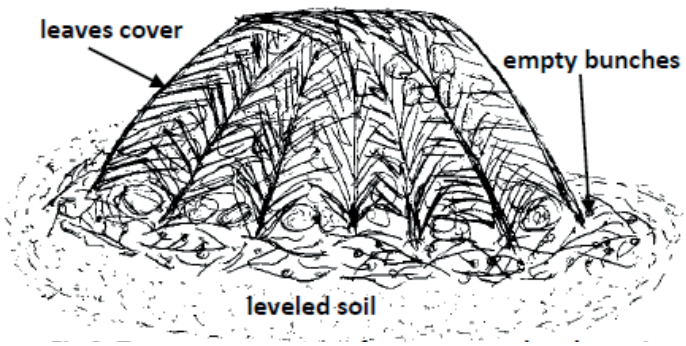



Figure 9. Temporary storage of coconuts in the plantation (*JVM, 2020*)

Figure 10. Traditional bamboo basket (planti), on left and a new type, on right

coconuts in a bamboo basket (pantli, Figure 10). It is an astonishing weight, equivalent to two full travel suitcases. The traditional basket has a concave bottom and a piece of cloth is placed on the worker´s head, that helps stabilize the load and reduce the effort in carrying it.

The traditional medium size basket (r1=30 cm, r2 =24, h=25, see Figure 10) and a big size basket (r1=36.5, r2=28.5, h=32) can accommodate 30 and 55 coconuts, respectively; the modern model (r1=36.5, r2 =28.5, h=32) can contain 40-45 coconuts. These quantities of coconuts were confirmed by us using geometry formulas, considering the traditional baskets as hyperbolic segments, the modern basket as truncated cone and the coconut volume = 1.7 litres. Estimating a void space of 15% in the baskets, the results are the following: medium size basket: volume (V) = 58 litres, number of coconuts (C) = 29; big size: V=107 l, C=54; modern basket: V=83 l, C=42.

3. 10. Storage of coconuts

As we mentioned earlier, storage improves the quality of copra, particularly of coconuts harvested little before full maturity (see Chapter 2.2). Harvests can be accumulated over one year, till the market is favourable or the owner needs cash. Meanwhile, one or more coconuts are taken regularly from the store for house consumption.

**4. Routine or ritual?**

Coconut harvests are carried out three or four time per year, over and over again. Is it a routine?

Habits, routines and rituals are similar terms, but there is a considerable difference between them regarding the consciousness that we have of them in practice. Habits happen with little or no thought, while routine is an intentional, deliberate action that needs to be done. A ritual consists of a set of actions to be performed as a tradition or custom with an underlying purpose; the focus is on the actions, on experiencing these actions, and not merely accomplishment, as in the routine. A ritual does not have to be necessarily religious or spiritual.

The above considerations drive us to conclude that coconut harvest in Goa is a ritual. It is not a mere routine. We have tried to show in this paper the rationale behind every action performed during this ritual, which requires a great deal of consciousness, knowledge and energy. We are not aware if such rituals exist or existed in other coconut producing regions. It is being set aside in Goa due to the declining economic importance of this crop, the scarcity of local coconut pickers and labour force and the gradual change in the way of life of the Goan

population. In particular, the art of the oler, based on the knowledge of genetics and botany of the coconut, which was transmitted from one generation to another, is being lost. The present paper is a contribution to preserving the memories of the "colhimento" of the old times. There is, in fact, very little information on this subject.

Notwithstanding the above mentioned difficulties, setting aside the controversial resolution of the Government of Goa declaring coconut is a palm and not a tree (from a botanical point of view it is a palm; but also the coco fruit is not a nut, but a fibrous drupe, and who is concerned?) and despite the absurd worldwide campaign against the saturated fatty acid oils, in which copra oil is included, in Goa the coconut will always be a versatile and indispensable tree. A Tree for Life, the Tree of Life.

Acknowledgements

The author is grateful to Álvaro da Costa for collecting information on the traditional coconut harvest in Goa from Mr. Gurudas Ramachandra Sinai Navelkar, a coconut dealer, and for sharing with him the "Notas sobre a arte de julgar o coqueiro", written by his uncle-grandfather Plácido de Menezes, seventy years ago, which is a unique book on this subject. Acknowledgements are also due to Norvin Noronha Machado, Shastri Rodrigues Rebelo and Francisco Valeriano de Sá for providing several helpful photos and information for writing the present paper.

Short vocabulary of coconut harvest in Goa

| *Konkani* Singular/plural | *English* | *Portuguese of Goa* |
|---|---|---|
| Batkar | Landlord | Proprietário |
| Bondoh, vanz | Aborted coconut | |
| Chap | Hammer 4-headed | Chapa |
| Churt/churtam | Coconut leaf | Churta |
| Dentt | Missing coconuts | |
| Khobrem | Copra | Copra |
| Koito/koiti | Machete | Coita (machado) |
| Kouato/kouateh | Coconut seedling | |
| Khuntop | Plucking single coco of a bunch | |
| Loz | Storeroom | Loja |
| Madd | Coconut palm | Coqueiro |
| Mandor | Bunch | Cacho |
| Mundkar | | Manducar |
| Narl | Coconut | Coco |
| Oler | Assessor, Judger | Julgador, Olheiro |
| Padd | Harvest | Colhimento |
| Paddkar | Picker (plucker) | Colhedor |
| Pantli | Basket (large) | Cesto grande |
| Poi | Spathe | Espata |
| Shevok | Empty bunch | Ráquis do cacho |
| Terlu, tollukar | Watchman | Vigilante |

*Note:* The above words in Konkani may have different spellings. This vocabulary is just a sample of a variety of terms in Konkani related to coconut.

*References*


1. Bragança Pereira, A. B. Ethnography of Goa, Daman and Diu. Penguin, New Delhi, 2008, 367 pp.
2. Directorate of Agriculture of Goa, State Agriculture Infrastructure Development Plan 2018-20. Goa, 56 pp.
3. Ferrão, J. E. Mendes, Le voyage des plantes et les grandes découvertes. Éditions Chandeigne. Paris, 2015, 284 pp.
4. Lopes Mendes, A. A India Portugueza, Breve descripção das possessões portuguezas na Asia. Vol. 1. Sociedade de Geografia de Lisboa. Imprensa Nacional, 1886, 281pp.
5. Machado, J. V. Secagem e conservação da copra. Isotermas de sorção da água. Comunicações n. 63. Instituto de Investigação Agronómica de Moçambique. Maputo, 1971. 68 pp.
6. Menezes, Plácido Henrique de, O coqueiro. Notas sobre o seu cultivo e a arte de o julgar. Goa, 1956, 106 pp (sem nome do editor)
7. Souza, Teotónio R. de, Medieval Goa: A Socio-economic History. Saligao, Goa: Goa, 1556, 2009 (2nd ed.) 2009, 265 pp.

# Shenoi Goembab

por **Francisco da Purificação Monteiro**

Sócio Fundador da Casa de Goa

*Founder Member of Casa de Goa*

## Estudos iniciais

Vaman Raghunath Varde Valaulikar, mais conhecido como Shenoi Goembab, filho de Raghunathbab e Sitabai Varde Valaulikar nasceu a 23 de Junho de 1877 na vila de Bicholim, distrito de Goa, antigo Estado da Índia.

Começou a ler aos quatro anos de idade e fez os seus estudos iniciais em marata. Posteriormente, transferiu-se para o ensino primário português tendo matriculado na Escola Primária Oficial de Bicholim onde num ano lectivo fez os exames correspondentes as primeiras três classes do ensino primário português, isto é, o antigo 1º grau e no ano seguinte fez os exames da 4ª classe (antigo 2º grau) na Escola Primária Oficial de Bastorá, no concelho de Bardez.

Era seu desejo prosseguir o ensino liceal em Pangim, mas, por dificuldades financeiras dos seus pais não pode continuar os estudos. No entanto como era um jovem com grande ânsia de aprender, dedicou-se a aprendizagem de sânscrito, marata, hindi, inglês e português.

Em 1893 o seu tio paterno Chitamanrau de férias em Goa, reparou nas qualidades do seu sobrinho e levou-o consigo para Bombaim, onde em 1898 completou o ensino secundário na Martha High School de Girgaum.

Figure. Shenoi Goembab (1877 - 1946)

## Actividade Profissional

De regresso a Goa, começou a leccionar, mas como não se sentia satisfeito com a actividade profissional, seguiu para Karachi, onde trabalhou durante alguns

anos. Regressa a Bombaim e após uma curta passagem pelo consulado italiano, consegue colocação como chefe de contabilidade numa empresa alemã.

Com início da I Grande Guerra (1914-1918) e a debandada forçada dos cidadãos alemães a administração da companhia é entregue aos cuidados de Shenoi Goembab, que dirige a empresa com grande zelo e dedicação. Com o fim da guerra e o regresso dos proprietários alemães, o seu trabalho, empenho, dinamismo e honestidade são muito apreciados. Como reconhecimento, pouco tempo depois é promovido para o cargo de Secretário da Empresa.

Apesar dos seus elevados méritos na administração da empresa o que o distinguiu e projectou foi a defesa e divulgação da língua concanim. Porém, convém salientar que o seu apego a língua materna está em grande parte relacionado com uma chamada de atenção feita pelo então Inspector de Instrução em Goa, Tomás Mourão Garcez Palha, "Barão de Combarjua", em relação a um livro escolar da sua autoria escrito em 1899 com o título "O Mestre Portuguez", que se destinava a ser utilizado nas escolas de marata-português onde mencionava a língua marata como sendo a língua vernácula de Goa; o "Barão de Combarjua" que era uma personalidade muito versada e entendida nos assuntos relacionados com as línguas locais, chamou-lhe a atenção dizendo que a língua vernácula de Goa era o concani e não o marata como ele escrevera.

Esta chamada de atenção esteve na origem de uma reflexão e estudo muito aprofundado, tendo chegado à conclusão de que a afirmação do Barão estava correcta. Iniciou então, uma verdadeira cruzada na defesa e divulgação da sua língua materna; fez aturadas pesquisas para descobrir as suas origens e depois de ter reunido os elementos necessários provou que o aparecimento da nossa língua materna é anterior ao da língua marata e que ela tem muito mais de dois mil anos de existência.

**Actividade Literária**

A sua intensa actividade literária inicia-se em 1898, ainda antes de completar os seus estudos secundários, ao escrever uma peça em marata sob a Coroação de Ramá. Segue-se, em 1899, um livro em português O Mestre Portuguez.

É autor de vinte e dois (22) livros em escrita Devanagri, dos quais merecem destaque:

Gomantopanishad (Os "Upanishads") 2 volumes em forma de histórias;

Konkanichi Vyakronni Bandovoll

Goenkaranchi Goeam-bhaili Vasnuk (Diáspora Goesa)

Albuquerquan Goem Koshem Jiklem (Como Albuquerque Conquistou Goa) escrito em 1910, por ocasião das comemorações do IV Centenário da conquista de Goa, mas que só foi publicado em 1955

Konkani Bhashecho Itihas

Konkani Bhashechem Zôit (O Triunfo da Língua Concani);

Ballipattnacho Sod

Punneatmo Ram Kamati

Mogachem Logn

Zilba Ranno

Povnachem Toplem

Em alfabeto romano traduziu e adaptou para concani textos de Moliére:

Mogachem Lôgn ou (Casamento por Amor) baseado no Le médecin malgré lui e Pounachem Toplen baseado em L'avare ambos de Moliére.

De Shakespeare:

Rajput Hamlet ani Bapaichem Bhut (Hamlet); Gorê Bailecho Kallo Ghóv (Otelo); Dhuvanchi Porikxa (Rei Lear); Junvllea Bhavancho Ghuspa-Godôll (A Comédia de Erros); Agul'leachem Nivllon (A Fera Amansada); Ranniechem Jivem Baulem (Macbeth); Ghatmaro Ixtt (Júlio César); Bhusmare Alebhav-Kolebhab (Timon de Atenas) e Jaducho Zunvo (A Tempestade).

Tornou-se célebre a sua tradução do Bhagvad Gita para concani, a que deu o nome de Bhagwantalem Geet.

Adaptou uma das histórias de "As 1001 Noites" de Abu Hassan, com o título Jhilba Ranno, ao Reino dos Kadambas, cuja capital foi Chandrapur, actual Chandor em Goa.

Outra das suas grandes contribuições foi fazer renascer a língua entre as crianças através da literatura infantil. Neste contexto escreveu Bhurgianche Vyakran (Gramática para Crianças), obra construída sob a forma de perguntas e respostas escrita para ensinar o seu filho, e Bhurgianlo Ishtt, uma colectânea de contos.

Sendo um observador atento, verificou com muita mágoa o reduzido estatuto e o pouco prestígio que a língua concani tinha entre os goeses, porque era claramente preterida em favor do português e do marata, línguas preferidas pelas classes educadas cristãs e hindus, respectivamente que comunicavam em Concanim apenas com os empregados domésticos, os criados, os pobres e com as castas mais inferiores da sociedade.

Acreditava que qualquer que fosse o número de línguas que uma pessoa dominasse, apenas poderia comunicar perfeitamente na sua língua materna, nas suas palavras a língua da alma, sentindo-se perdido se o não fizesse. Ao usar línguas estrangeiras, Shenoi Goembab dizia dos goeses: "Temos brilhado debaixo da luz de outros". Por sua iniciativa, congregou um grupo de activistas interessados na promoção da língua concani, aos quais falava da doçura e do rico passado daquela língua. Com esse objectivo escreveu livros que permitissem promover o uso da língua e comprovar a sua qualidade como veículo para a criação literária. Para além de considerar a língua concani como inseparável da identidade goesa, via nela uma arma no movimento para acabar com o poder colonial português em Goa.

**Historiador, Filósofo e Filantropo**

A sua contribuição não se limitou ao movimento linguístico e literário; ele foi também um grande historiador que não só documentou a história de Goa, mas analisou-a objectivamente.

O apelo que ele fez para que os seus conterrâneos tivessem mais auto-estima e consciência da sua identidade tem toda a razão de ser e é de grande actualidade nos dias que correm, porque nunca como agora esteve tão em causa a nossa identidade cultural.

Shenoi Goembab foi um acérrimo lutador contra as desigualdades sociais. Era um defensor da necessidade de eliminar as barreiras sociais e de educar as castas inferiores. Afirmava: "Façamos Pandits (académicos) dos Gawdes (camponeses)", apontando a alienação das castas inferiores como uma das razões pelas quais preferiam falar marata em vez de concani.

Numa comunidade com profundas divisões étnicas e religiosas, Shenoi Goembab espalhou uma mensagem de paz e de unidade sem rejeitar a religião. No seu pensamento ligava Santeri (uma Deusa popular entre os goeses) com a Virgem Maria como forma de associar os cristãos e os hindus, as duas maiores comunidades de Goa, na defesa do concani. Num texto escrito pouco antes do seu falecimento exortou os goeses a usar o concani e refuta os argumentos de Kakasaheb Kalelkar e de outros defensores da língua marata, dizendo: "No Concão não necessitamos das bênçãos de deusas recentes como a marcial Mahishasurmardini nem da cor e da canção da inebriante feiticeira Tripurassundori. Preferimos a nossa velha deusa Santeri, propagadora da paz, venerada em todas as aldeias de Goa. São suas as bênçãos que invocaremos. E, simultaneamente, invoquemos também a bem-aventurada e feliz mãe do Senhor Jesus Cristo, a imaculada Virgem Maria, e procuremos as suas bênçãos também! Com o patrocínio deste santo duo alcançaremos o Bem. Que prevaleça o cântico: Om Santeri, tem piedade de nós! Santa Virgem Mãe, abençoa o nosso caminho!".

O contributo de Shenoi Goembab não se limitou a

língua concanim, mas a Goa como um todo. Trabalhou arduamente pela Goa Dourada até ao último suspiro que teve lugar em Bombaim, a 9 de Abril de 1946.

**Reconhecimento e Homenagem**

Por tudo o que fez em prol da nossa língua mãe ele é justamente conhecido como o "Pai da moderna literatura concani"; deu o seu valioso contributo para as mais diversas formas de literatura – novelas, poesias, dramas, ensaios e história.

Em 2000, por ocasião da celebração do 54 aniversário do seu falecimento, com o acordo da Mandd Sobhann, a organização que trabalha em Mangalore para o movimento do concani, juntamente com uma comissão de linguistas de concani, elegeu, por unanimidade, Shenoi Goembab como a "Personalidade Concani do Milénio".

Assim, as comunidades Goesas na diáspora celebram em sua honra o Dia de Goa no dia do seu falecimento.

*Bibliografia*


– Sandesh Prabhudessai, Goanews
– Konkani´s Jewl In the Crown – Goa Today – June 2000 issue
– Kiran Budkuley – Shenoi Goembab: The Man who Resurrected Konkani

# Eustácio Dias - Fibra Dum Campeão

*EUSTÁCIO DIAS - A CHAMPION'S FIBER*

por **Mário Viegas**

Foi diretor, cofundador e/ou redator das revistas | *Past director, co-founder, and/or editor of magazines*

Elo (Lourenço Marques), Voz da Zambezia (Quelimane), and Ecos do Oriente (Lisboa)

**Resumo**

Eustácio dos Mártires Rabidar Dias, filho de Francisco Dias, antigo presidente e diretor do Instituto Goano/Casa de Goa (LM), ex-diretor de Finanças e advogado, de Sarzorá, Salcete, Goa, e de Ana Maria Fernandes Dias, ambos já falecidos, nasceu em Lourenço Marques a 14 de maio de 1954. Desportista de mérito, atuou em Moçambique e em Portugal.

**Abstract**

Eustácio dos Mártires Rabidar Dias, son of Francisco Dias, former president and director of the Goano Institute / Casa de Goa (LM), former director of Finance and lawyer, from Sarzorá, Salcete, Goa, and Ana Maria Fernandes Dias, both already deceased, was born in Lourenço Marques on May 14, 1954. Sportsman of merit, he worked in Mozambique and Portugal.

"Recordo com grande emoção os tempos da nossa infância em Lourenço Marques, em que o Eustácio, e o seu irmão, Ernesto, a minha irmã Dalila e eu, convivíamos em brincadeiras de crianças, no Instituto Goano/Casa de Goa, enquanto os nossos pais, a outro nível, se empenhavam no desenvolvimento sociocultural da comunidade goesa. Lembre-se que o pai do Eustácio, Dr. Francisco Dias, foi presidente da tão nobre coletividade; o Eustácio Dias é, para mim, um caso à parte. Graças ao seu talento, conseguiu "sobreviver" perante as dificuldades da época, tornando aquilo que seria um sonho em realidade. É de facto uma referência da minha geração" - *Memórias de Luís Álvares*

Figura 1. Eustácio Dias. Fotos de infância e atual. Emblema do Clube Desportivo da Malhangalene

Mais uma estrela do desporto da comunidade indo-portuguesa, Eustácio maravilhou os públicos moçambicano e português com a sua virtuosa técnica de "bola ao cesto". O gosto pelo basquetebol surgiu no bairro da Malhangalene onde ele passou a residir mais tarde e onde nas horas vagas divertia-se com os amigos lançando bolas a cestos adaptados às árvores dos passeios. Já nessa altura tinha como referências Mário Albuquerque e Nelson Serra, do Sporting de Lourenço Marques; Paulo Carvalho e Manuel Lima, do Clube Desportivo de Lourenço Marques.

Inicia a prática do basquetebol federado em 1969/70 no Clube Desportivo da Malhangalene, sendo seu treinador José Lopes (Figura. 1). Eustácio era um miúdo habilidoso, deu logo nas vistas e a coroa de glória eclodiu na época de 1972/73 quando é chamado ao Conselho Provincial de Educação Física e Desportos. O Prof. Teotónio Lima informa-o então que estava convocado a representar Portugal no campeonato Europeu de Juniores em Itália a disputar-se na localidade de Pesaro. Em alternativa, teria hipóteses de participar nos V Jogos Luso-Brasileiros a terem lugar em Moçambique na mesma altura. Eustácio recebe a notícia com enorme satisfação e opta então pela primeira hipótese que lhe dava a oportunidade de representar a Seleção Nacional como de viajar, dado ser a primeira vez que iria conhecer a dita "Metrópole" e Itália. Considerou então a experiência bastante enriquecedora não obstante os fracos resultados desportivos obtidos.

Quando regressa a Moçambique, é novamente convocado para representar Portugal nos Jogos Multirraciais que tiveram lugar em Pretória, na África do Sul.

Começa a desenhar-se uma carreira brilhante coroada por uma série de triunfos. Sagra-se campeão nacional em 1974 pelo seu Clube – o "Malhanga" (Figura 2). Na fase final realizada no Pavilhão do Sporting LM, o Malhalhangalene classificou-se em primeiro lugar com 16 pontos, seguido do Sporting com 14, do Sport Lisboa e Benfica com 10 e do Futebol Clube de Luanda com 8. Eustácio tinha então 19 anos de idade.

Todos estes jogadores eram treinados por Adam Ribeiro, uma grata figura do basquetebol moçambicano, antigo jogador do Ferroviário de Lourenço Marques.

Em 1975 Eustácio transferiu-se para o Sporting de Lourenço Marques, na altura treinado pelo Alexandre Franco.

Até este ano, 1975, o basquetebol das colónias estava em fase mais evoluída do que na chamada Metrópole e as seleções nacionais eram basicamente formadas por jogadores ultramarinos.

Depois da descolonização, em meados de 1976 e com o êxodo de muitos atletas, o basquetebol moçambicano praticamente extinguiu-se. Entretanto, com os constantes e quase ininterruptos telefonemas do exterior com propostas chorudas de alguns clubes, nomeadamente Benfica, Sporting, F. C. do Porto, Ginásio Clube Figueirense e Sangalhos, Eustácio perdeu um pouco o equilíbrio emocional com repercussões na sua estabilidade laboral. Antevia-se enormes mudanças na sua vida e era tempo das grandes decisões. Optou por cortar o cordão umbilical com a sua terra natal e abraçar a carreira profissional em terras lusas. Esteve muito perto dos três grandes - Porto, Benfica e Sporting, mas, chegado a Portugal, numa tarde de outubro de 1976, teve de decidir como deveria ser a sua vida. Depois de muito ponderar considerou que depender apenas do basquetebol poderia criar uma situação precária a médio/longo prazo que não pretendia sujeitar-se. Recorde-se que à época este desporto não proporcionava condições para garantir o futuro financeiro da maioria dos atletas, mesmo os da estampa de Eustácio. O seu principal objetivo era poder usufruir uma vida profissional estável como funcionário bancário que já era em Moçambique e isso foi fulcral para a sua decisão final. A aguardar a sua integração na banca, foi-lhe prometida pelos dirigentes do Ginásio Clube Figueirense a sua colocação na Figueira da Foz (Figura 3). Ingressado no Ginásio Figueirense, começou a

Figura 2. Época 1973/74 – Clube Desportivo da Malhangalene, Vice-Campeão Provincial de Moçambique e Campeão Nacional (De pé: Adam Ribeiro - Treinador, Carlos Cachorreiro, Eustácio Dias, Eurico Gonçalves, Jimmy Romeo, Avelino Ferreira, Carlos Gaspar "Mochina", Aurélio Grilo - Dirigente, David Carvalho, José Marques – Massagista; De joelhos: Joaquim Fernandes, João Domingues, José Cardoso, José Costa Leite, António Araújo, Aureliano Graça - Seccionista).

disputar o Nacional de basquetebol da 1ª Divisão. A sua participação culminou-se num somatório de êxitos com as claques a gritar pelo "perigoso" poste, cujo salto "felino" e intuitivo foi determinante para que o Ginásio conquistasse, na época de 1976/77, o título de "Campeão Nacional" e, ainda, a "Taça de Portugal" na cidade da Guarda, na época de 1976/77 ao então temível Futebol Clube do Porto.

Nos jogos que fazia, marcava com a sua combatividade e saber, mais das vezes SÓ 40 pontos, salvando sempre a honra do convento, tendo por isso sido considerado o melhor jogador português da época, parecendo um autêntico "diabo" à solta e o melhor "americano" português que até chegou a jogar com os dedos dobrados e cãibras.

Do que foi dito, couberam toda a espécie de elogios e não é fácil fazer referência a mais de 25 anos de uma carreira desportiva tão cheia de sucessos como foi a de Eustácio Dias. Qual David frente a Golias, o Ginásio Clube Figueirense sagrou-se, como vimos, Campeão Nacional e conquistou a Taça de Portugal, vendo a sua estrela grande fazer o impossível, impondo-se aos jogadores norte-americanos das outras equipas, bem secundado pelos seus companheiros, também vindos de Moçambique, levando o Ginásio a vitórias nunca imaginadas, motivo de orgulho para qualquer atleta, mas mais significativos se tornam se atendermos à dimensão do Clube, sem jogadores estrangeiros e com recursos que à partida pareciam somente ser úteis para sonhar. O sonho comandou a vida destes homens e o seu talento em campo tratou de impor a lei a quem quer que se atravessasse no seu caminho, vincando que naquele ano tinha-se juntado uma equipa para fazer história.

Em três épocas consecutivas (1976/1979), Eustácio foi convocado pela Seleção Nacional para um estágio bastante proveitoso nos Estados Unidos da América onde teve oportunidade de jogar contra algumas universidades locais donde saíram atletas que, mais tarde, jogaram pelas equipas da N. B. A.

Em várias participações de Eustácio na década de 1980 pela Seleção Nacional a disputar o "Europeu" de basquetebol, Portugal passou do Grupo C (3.ª Divisão) para o Grupo A, tendo obtido o 1.º lugar no Grupo C no campeonato realizado na Suíça (Sion). Tendo a Seleção Nacional disputado na mesma época o Grupo B na Turquia (Ismirne), Portugal conseguiu o 2.º lugar que lhe deu acesso ao Grupo A (1.ª Divisão), o que proporcionou a realização do campeonato internacional no ano imediato em Portugal (Lisboa) por ter conseguido o apuramento para o Grupo A. Foi a primeira vez que o basquetebol nacional conseguiu tamanho feito. Faziam parte do grupo, além do Eustácio, os jogadores moçambicanos de então, Carlos Lisboa, António de Almeida, Rui Pinheiro, Henrique Vieira, Jorge Barbosa e José Parente.

No auge do basquetebol português, a nível de clubes, não se pode deixar passar em claro o final da carreira de um dos jogadores que mais contribuiu para a força que a modalidade tem hoje no nosso país. Eustácio foi um jogador que criou emoções e por onde passou apaixonou e atraiu aficionados. Quando as gentes da Figueira da Foz viram chegar a sua "joia da coroa", a vedeta tão cobiçada por todos, ao seu modesto clube, experimentaram então a paixão e entusiasmo do que jamais sonharam.

Mais do que o virtuosismo das suas ações, mais do que a sua extraordinária capacidade de impulsão e invulgar tempo de salto, Eustácio impressionou pela sua atitude em campo, fazendo de qualquer jogo um autêntico espetáculo. Com uma postura totalmente anti vedetismo, foi, no entanto, um jogador de multidões. A paixão e "raiva" que punha em campo levaram à exaltação, ao entusiasmo e ao orgulho de todos os aficionados do basquete.

Muito embora sempre tenha recusado o total e muito rentável profissionalismo oferecido pelos grandes

Figura 3. Ginásio Clube Figueirense 1976/77 (De pé: António Tafula - Seccionista, António Azevedo - Treinador, Eustácio Dias, José Figueiredo "Zé Perigosa", Carlos Rodrigues "Bélico", António Sotero, Samuel Carvalho - Capitão, Costa Gomes - Massagista e Horácio Barral – Dirigente; De joelhos: António Albano, António Almeida, João Neto, António Pina e Luís Dionísio)

clubes, revelou afinal uma seriedade exemplar, que serviu de exemplo às gerações posteriores e que deveria servir de referência à maioria dos nossos jovens jogadores.

A carreira desportiva de Eustácio Dias constitui um marco na história do basquetebol português, que permitiu a todos quantos tiveram o privilégio de o ver jogar, poderem apreciar a verdadeira fibra de um campeão.

Foram mais de 25 anos de basquetebol, 5 dos quais na capital moçambicana, 20 em Portugal - no Ginásio Clube Figueirense, com passagens pelo Olivais, Illiabum, Sporting Clube Figueirense e o regresso ao Ginásio, onde acabou a sua carreira na época de 1995-1996 com a subida do Clube à 1ª Divisão. E foram cerca de 70 internacionalizações, tendo sido considerado "basquetebolista do ano" em 1977/78. No VII Encontro de Moçambicanos (de 20 e 21 de maio de 2006) foi entregue a Eustácio Dias por Samuel Carvalho, ex-Ferroviário de Lourenço Marques e organizador deste Encontro, o galardão com o título honorífico de Sócio de Mérito do Ginásio Clube Figueirense. Testemunhou o ato o ex-treinador Adam Ribeiro.

E como foi a sua primeira viagem a Goa, a terra dos seus ancestrais? Ele fê-la em 1958/59 com os seus pais a bordo do paquete Karanja, de Lourenço Marques até Karachi, com algumas escalas no caminho. Daí até Goa foi por via aérea na TAIP e o regresso foi a bordo do paquete Kampala. A família Dias esteve lá uns meses, e passaram algum tempo na casa dos avós em Sarzorá, no bairro de Naikanvaddo, próximo da igreja de Nossa Senhora de Assunção. Eustácio recorda-se dos passeios frequentes que fazia com os seus primos ao Sarzorá Lake, situado entre a igreja e o outeiro,

um lago muito vistoso e pitoresco, e daqueles aromas intensos, das mais variadas espécies de manga. E ainda assistiu, ao que nos conta, às primeiras chuvas das monções, em que a vegetação totalmente seca se transforma rapidamente num verde esplendido, digno de ser visto. São memórias que ao fim de quase 60 anos ainda lhe perduram. Eustácio visita Goa com alguma frequência e costuma instalar-se em Varcá ou em Carmonã.

Mas a Figueira da Foz é a sua terra de opção, ótima para a prática de circuitos pedestres, que o mantém ativo, apesar de desligado de outras atividades. Aqui constituiu família (é casado com Maria de Lourdes Santos Peça, empregada bancária, natural de Mala Posta).

Na área da gastronomia, não se considera um "bom garfo" e não tem nenhum prato predileto. No desporto, não tem preferência por qualquer clube.

Agora, neste momento, no isolamento forçado, Eustácio mantém o mesmo ritmo de vida, só que respeitando as novas e provisórias regras. Mas sempre o lar – a família, os discos e os livros. Só sai para as compras inadiáveis.

# Saving Mhadei (Mandovi) For Goa Requires Research Not Rhetoric

## *SALVAR MHADEI (MANDOVI) PARA GOA EXIGE INVESTIGAÇÃO, NÃO RETÓRICA*

by **Joe D'Souza**

*University Professor (retired) and an Environmental Activist*

Professor Universitário (reformado) e Ativista Ambiental

**Abstract**

It is good to shout out loud and support the Mhadei movement, but where is the scientific data to prove just how important the river water is to Goa?

In this article, the author laments the lack of research on Mhadei, and explains how this will weaken the State case.

**Resumo**

É bom gritar em voz alta e apoiar o movimento Mhadei, mas onde estão os dados científicos para provar o quão importante a água do rio é para Goa?

Neste artigo, o autor lamenta a falta de pesquisas sobre Mhadei e explica como isso enfraquecerá o caso do Estado.

"Anyone can break the door, but it takes a good carpenter to build one," so said John F Kennedy.

This is exactly what we must do as Goans, to save Goa. Surely and systematically, we are collaborating in the utter destruction and degradation of Goa, by neglecting and destroying what is most vital and essential for life – precious water.

Scientists across the world are busy tracking water

Figure 1. Casinos in Mhadei (Mandovi) river

on exo planets, however, Goans are blessed with water in the form of rivers, lakes, ponds, streams and underground water supply in aquifers formed by the spongy iron ore belt in the hinterland talukas. Even the midland talukas, with lateritic rock formation, and the sandstones of coastal Goa is graced with copious amount of water, which percolates into streams, fountains, and springs. We are destroying water bodies - Mother nature proposed Goa as the Water capital of mankind and we Goans have, with contempt, paid back to our provider, as a sewage and waste water destination – making Goa today rich in enteric diseases and surging cancers.

Over the last 20 years, not only have we polluted our water bodies, destroyed our aquifers, disturbed our springs by senseless mining under the water table, we have allowed polluting industries.

We have totally failed Goa and Goans. We elect members to the Goa Assembly who do not understand scientific planning and disregard the worth of education and research relevant to society. Today, we have absolutely no research evaluation done by Goa University, GMC, and the numerous engineering colleges on the impact of River Mhadei diversion in Karnataka on Goan ecosystem, biodiversity, health, and economy.

The government squandered crores of rupees on lawyers to argue in tribunals and courts. It even promised precious water to the Oppositon Leader of Karnataka Assembly at a point of time in 2017. As of now, from tavernas, churches or temples, on social media people are shouting loud and clear about the need to save "save the Mhadei River basin" for posterity of Goa. However, whilst Karnataka has spent and invested rightly to conduct the relevance of Mhadei waters to Karnataka's prosperity, Goa politicians with no experience, qualification and determination are fighting the highly professional approach of the Karnataka government and the scientific skill of University of Karnataka.

Whilst Vijay Sardesai has blindfoldedly approached the NGT, he has only his political stake to bet on. To win a battle or any war, it must be done on sound scientific principles and the objectives must be backed by relevant data. What data have Goan scientists generated about the impacts on salinity profiles, water depletion, changes in ecosystem dynamics, impacts on food security, population displacements?

Government of Goa has spent no money on "Mhadei related impact assessment studies". Our scientist and

Figure 2. Waste products polluting Mhadei (Mandovi) River

Figure 3. Mhadei (Mandovi) river path

lawyers are clueless just harping on generalities of impacts on water diversions. The Chief Minister, shouting for mining restoration on one hand and Mhadei protection on the other hand, is like placing his leg in two boats moving in opposing directions.

The politicians and the lethargic Goan population are pushing Goa from the frying pan into the fire. Like empty vessels, Goans are now being made to wake up to support the "Mhadei imbroglio".

We must realize that in war strategies, planning and executions are important to succeed. Our judiciary will only act on scientific facts on record and not emotions dished out by locals, who have done nothing to protect Goa from the senseless rape and destruction.

I would appeal to the NGO movements in Goa, to ensure that no funds are made available by Goa and the Central government to undertake extensive research taking ground water security of Goa as priority area to be in focus, Goa University, GSPCB, NIO, ICAR, Water Resources Department, Science and Technology and Environments units of Goa government in unison must make it possible to ensure water harvesting and pollution control makes Goa a water surplus state by investing funds in research rather than feeding layers in crores to argue for Goa in courts without scientific data back to our claims.

# Dr. Fernando Jorge Colaço E A Famigerada Lei De Evacuados

## *DR. FERNANDO JORGE COLAÇO AND THE ILL-FAMED EVACUEE PROPERTY ACT*

por **Valentino Viegas**

Editor Associado e Sócio Fundador da Casa de Goa

*Associate Editor and Founder Member of Casa de Goa*

Em boa hora o Dr. Óscar de Noronha entrevistou, em Pangim, Goa, o Dr. Fernando Jorge Colaço, sobre a questão dos evacuados, no seu programa "Renascença Goa. Redescobrindo a cultura indo-portuguesa", classificando o entrevistado de "paladino dos direitos dos goeses afectados pela Lei de Evacuados" (The Goa, Daman and Diu Administration of Evacuee Property Act, 1964 (Goa Act 6 of 1964) e The GDD E. P. Rules, 1965).

Na essência, essa lei, datada de 1964, segundo o entrevistado, rezava assim: quem se ausentou da índia, depois de 6 de Dezembro de 1961 para fora da índia, por causa da libertação de Goa, Damão e Diu, e tenha bens móveis e/ou imóveis na índia, pode ser considerado evacuado e a sua propriedade evacuada. Fica isento quem tenha saído antes. A lei admite a impugnação e o recurso aos tribunais.

Em resposta ao entrevistador, o Dr. Fernando Colaço afirma que, ao tempo, os jornais não deram a importância devida ao assunto, talvez por desconhecimento, até por que havia problemas mais prementes a resolver. Em termos do direito internacional, esta lei do século XX desconhece a existência e viola o mesmo Direito, daí se inferir que não está de acordo com o Estado de Direito nem com a Constituição da índia.

Do seu ponto de vista foi criada à semelhança de uma lei similar no rescaldo da partilha da índia em 1947 em dois Estados independentes, o Paquistão e índia – o "Administration of Evacuee Property Act, 1950" (Act 31 of 1950). É uma anti lei, não se justifica em Goa, apenas vigorou como vingança política de goeses contra goeses.

Considera ser uma herança medieval, onde o saque

e a pilhagem eram moeda corrente. E nós recordamos como, nos tempos medievais, os náufragos eram pilhados em vez de serem socorridos e o exército vencedor ansiava pelo butim, tal como aconteceu na conquista da cidade de Lisboa aos mouros pelos cruzados, em 1147, os quais, apesar de terem prometido o contrário a D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, não só saquearam a cidade como mataram o próprio bispo cristão, segunda personalidade mais importante dos vencidos.

Por ter afirmado que o liberalismo tinha posto termo a essa prática, foi-lhe perguntado se a Lei de Evacuados nunca havia sido impugnada.

Segundo o entrevistado só poderia ser ao abrigo da Carta das Nações Unidas e de outros diplomas e instrumentos internacionais, como, por exemplo, entre outros, as quatro Convenções de Genebra de 12.8.1949, que proíbem a pilhagem e o confisco de bens, respeitam o direito da propriedade e permitem o repatriamento dos prisioneiros.

Informa que a citada lei, apesar de ser ilícita, passou despercebida por medo e cobardia. O projecto-lei (bill), foi votado em Goa no tempo de D. B. Bandorcar, o Primeiro-ministro Chefe de Goa, Damão e Diu. Dos trinta MLAs, ou seja, deputados estaduais, membros da Assembleia Legislativa, que tomaram parte na discussão, por indiferença, inveja e vingança, todos votaram contra os seus próprios irmãos, excepto o Dr. Álvaro Loyola de Furtado, major do exército indiano, na situação de reformado. Contudo, depois de o Bill ter sido alterado e substituído na discussão também ele cedeu e votou, talvez contrariado ou contrafeito.

Explica também o papel extremamente relevante desempenhado pelo Custodian, Curador das propriedades, na implementação da lei. Este juiz, que dirigia Goa, Damão e Diu, coadjuvado por assistentes, goeses ou não goeses, comportava-se como autêntico soberano absolutista por ter poder discricionário total. Podia vender os bens dos evacuados a quem quisesse. O dinheiro ficava depositado no cofre, as contas de receita e despesa registadas no livro previsto na lei, mas ele não prestava contas a ninguém (pedidas pelo entrevistado no caso de Dr. J. J. Militão de Quadros, nunca as deu).

Os evacuados eram chamados pró-portugueses, considerados inimigos da índia, inimigos espirituais, e desafectos à índia.

Como os órgãos de comunicação social, ao revelarem o nome e a categoria social dos destinatários, criavam alarme nas cidades e até nas regiões mais remotas de Goa, o Dr. Jack Sequeira, então líder da Oposição, preocupado com a situação e guiado por intenções humanitárias, pediu ao governador que as pessoas visadas fossem notificadas de forma recatada e individualmente, em vez de serem citadas por publicação dos seus nomes e último endereço em Goa, em listas nos jornais.

A ulterior prática, em satisfação do pedido, revelou-se pior na emenda que no soneto, porque deixou-se de saber aquilo que se passava, em Goa, em relação aos evacuados, causando maior alarme nos familiares dos notificados ausentes, por vezes velhos pais ou irmãos.

Assim como a Lei das Sesmarias, de 1375, do rei português D. Fernando, - que pretendia ser aplicada, com rigor e sem excepção, a todos os detentores de terras deixadas ao abandono e sem as cultivar -, nem sempre foi aplicada aos membros da alta nobreza portuguesa -, assim também na Lei de Evacuados houve lugar a isenções discricionárias em Goa, pois funcionava conforme a discrição ou arbítrio dele e do Ministro Chefe, pois a lei assim o permitia. O Dr. Abel Colaço, primeiro e único Secretário-Geral de Goa, de origem goesa, foi assim isento por decisão do Ministro Chefe, afirma o entrevistado. Embora o Dr. Abel Colaço e a sua esposa tivessem sido considerados

evacuados por ordem do Custodian, o Dr. Fernando J. Colaço conseguiu ganhar o caso em recurso.

Por mérito próprio, o Dr. Fernando Jorge Colaço foi apelidado de paladino dos evacuados, pois, embora o Dr. Gilman Fernandes, o Dr. Ben D' Sousa e apenas alguns advogados também tivessem defendido os evacuados, não cremos que tenham atingido a marca de quase quinhentos casos, todos vitoriosos, excepto dois, que o defensor acha terem sido apenas devido à pouca vontade política ou vingança política, a saber: o do Dr. José J. Militão de Quadros e da mulher metropolitana do Dr. Miguel Quadros, de Loutolim, notário de Salcete, dada por evacuada por ser white portuguese, enquanto as duas filhas do casal, com bens em Mormugão cabidos num Inventário Orfanológico em Lisboa, por morte de seu pai em 1953, foram julgados non-evacuees.

O Dr. Colaço afirma, com orgulho, que ganhou casos de sua própria mãe e de seu irmão Álvaro, de D. Altino Ribeiro de Santana, bispo de Sá de Bandeira, Angola, durante dezasseis anos, e da Beira, Moçambique, de 1961 a 1973, e outros de famílias inteiras, como as de Mário do Carmo Vaz. Não sei se o Dr. António Costa sabe que, quando foi recebido em Nova Delhi e Goa como Primeiro-ministro de Portugal, só pôde visitar a sua casa, em Margão, porque o Dr. Fernando Colaço defendeu e ganhou o caso do seu pai, o escritor, humanista e dramaturgo Dr. Orlando da Costa, de quem o filho é um co-herdeiro e hoje dono de metade da mesma casa.

Ao defender os evacuados, Dr. Colaço enfatizava o argumento segundo o qual não era a primeira vez que saíam de Goa, pois sabia que aqueles que tinham saído antes e o provavam, ficavam ilibados na ordem final ou em recurso ao Tribunal Administrativo, como foi o caso de quase todos os Magistrados goeses e de Damão, do Judiciário e do Ministério Público na Relação de Goa e Tribunais Subordinados de Goa, em Dezembro de 1961.

É evidente que o paladino não lutou sozinho. Informa que houve queixas contra este estado de coisas. Por exemplo, Maria de Lurdes Figueiredo escreveu uma carta ao Ministro de Negócios Estrangeiros de Portugal pedindo para tomar conta do assunto, mas nem o governo do PSD nem do PS tiveram grande interesse em curar dos interesses dos goeses, conforme denuncia e lamenta na entrevista, afirmando: "foi pena, pois os goeses faziam isso por amor à sua cultura mista, cultura luso-indiana, que o povo de Goa teve desde 450 anos".

É fácil imaginar a ansiedade com que os evacuados deviam aguardar a anunciada publicação da legislação de revogação das Leis de Evacuados de 1950 e de 1964, pois até o resto da índia sofreu os seus efeitos nefastos, como consta ter sido o paradigmático caso de dois irmãos paquistaneses - ministros, um do Paquistão e outro da índia-, um deles afectado pela lei indiana de 1950.

Mau grado o desassossego criado, só em 2005, o governo central revogou várias leis, incluindo a de evacuados de 1950, porque houve muitas reacções contrárias também na índia. Todavia, verificou-se, com tristeza, que a revogação se aplicava apenas a certos Estados do Norte, fronteiriços entre índia e o Paquistão, e não a Goa. Lá, antes e depois da "Partition", tinha havido violência, morticínios e abandono de bens pelo que a Lei de 1950 podia ter alguma legitimidade, ao passo que em Goa, Damão e Diu houvera a rendição em 1961, numa guerra breve e de poucas baixas.

Decepcionado, o Dr. Fernando Colaço falou, na altura, com o Ministro de Justiça de Goa o qual garantiu: "nós vamos fazer uma lei, em cinco linhas, a revogar a Lei de Evacuados". Nunca o fez ou pôde fazer. Também de nada serviu o juiz Shukla, do High Court (Relação de Maharastra e Goa, Ramo de Panaji), decidir em recurso da família Fiúza Mascarenhas que as terras de Verodá e Cuncolim, dadas em mercê ao

antepassado Marquês de Fronteira e Alorna, cerca de dois séculos antes por serviços prestados, serem da propriedade legítima do recorrente por título de propriedade ou aliás por prescrição positiva.

A Lei de Evacuados de 1964 somente foi alterada e transformada, para pior, em 2014 pelo Governo do Ministro Chefe Manohar Parricar, como autêntica vingança política contra Portugal, afirma o Dr. Fernando Colaço. Fez-se o mal em 1964 e foi feita a caramunha em 2014! É uma lei intitulada "The Goa (Abolition of Proprietorships, Titles and Grants of Land) Act, 2014" publicada por uma Notification na Official Gazette do Governo de Goa de 20.08.2014 e em vigor no Estado de Goa desde esta data. Virtualmente viola o próprio Tratado de Paz e Cooperação índia – Portugal de 31.12.1974. São abolidos a favor do Estado de Goa todos os títulos de bens evacuados ou não, concedidos por Portugal ou em Goa pelo Governo Português, Comunidades, Câmaras Municipais, etc., com poucas excepções a favor de "Cultivating Tenants" (arrendatários cultivadores) de várzeas de arroz, etc., e Concessões de Terrenos do Estado sob o Decreto N.º 3602 de 1917 mediante uma compensação irrisória no valor da contribuição predial pagável, imediatamente antes de 20.12.1961, vinte vezes por metro quadrado, quando o justo valor é, hoje, mais de cem vezes superior.

Quando o Dr. Óscar de Noronha lhe pergunta: e Portugal? Responde indignado: "durante todas estas décadas Portugal pactuou com o inimigo, digamos assim. O Estado não quer tomar parte, quando o 'Estado deve esta reparação oficiosamente', conforme lhe disse o Professor Doutor Fausto de Quadros."

Como o Estado não quer tomar parte, afirma que cada lesado terá que arriscar nos tribunais em "Writ Petition", gastando muito dinheiro, sem saber se vai vencer a causa ou perder, quando a solução justa é indemnizar, segundo a lei de reabilitação de

Figura. Fernando Jorge de Colaço com Valentino Viegas.

evacuados que vigora em toda a índia desde 2013. E utiliza esta expressão: "fica com os dedos, mas paga os dedos."

Quando o entrevistador lhe pergunta o que é que sentia depois de todos estes anos de combate, replica: uma das razões, senão a principal, de eu ter ficado na índia, reside no facto de poder dizer com júbilo: "salvei muitos inocentes de serem dados como evacuados e assim perderem os seus bens e fortuna, andando como vagabundos por essas terras onde residem".

Mau grado a sua provecta idade, e apesar de ter enfrentado os escolhos, o Dr. Colaço não deita a toalha ao chão nem perde a esperança. Aguarda que um dia haja uma consciência internacional que promova a lei de reabilitação de evacuados e se reabilite por completo e acabe com esta lei de

abolição, promovendo a justiça social a todos os povos que vivem na índia.

Assim como, no século passado, o Dr. António Anastásio Bruto da Costa lutou, com destemor, pugnando pela autodeterminação de Goa, assim também o Dr. Fernando Jorge Colaço continua a combater, com coragem, audácia e sabedoria em prol da extinção da Lei de Abolição.

Nesta luta titânica de David contra Golias, vejamos qual tem sido o papel do governo português.

Se no século passado, sem conhecimento nem mandato dos goeses, o Dr. Mário Soares, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, em nome do Estado Português, em relação ao antigo Estado Português da índia, aceitou e reconheceu a situação de facto existente em 1974, no presente, ignoramos se o Primeiro-ministro de Portugal, Dr. António Costa, e o Presidente da República de Portugal, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, tentaram resolver ou pelo menos afloraram a questão da Lei de Abolição de 2014 e da lei anterior de Evacuados de 1964.

Não é por acaso que o Dr. Fernando Jorge Colaço se refere na entrevista a Brennus (Breno) -, chefe da tribo celta dos Sénones e conquistador de Roma, cerca de 390 A.C. -, e emprega a expressão latina de "Vae victis", a ele atribuída, que significa "ai dos vencidos" (em inglês "woe to the vanquished"). Não vá o novo senhor de Goa lembrar-se de lançar a sua espada no prato da balança dos evacuados e espoliados goeses e castigá-los ainda mais, como dizem ter feito Brennus, atirando a sua pesada espada de ferro no prato da balança dos romanos, obrigando-os a pagar um resgate ainda maior em ouro para levantar o cerco a Roma.

Cônscio das controvérsias e da polémica que pode gerar a sua entrevista, o Dr. Fernando Jorge Colaço encerra-a afirmando: "a verdade nunca fez mal a ninguém".

# "Neither the PSD Government nor the Socialist Government showed great interest in safeguarding the interests of the Goans"

- said Dr. Fernando Jorge Colaço, a well-known Goan advocate, in an interview with **Óscar de Noronha**

# *"Nem o Governo do PSD nem o Governo Socialista mostraram grande interesse em salvaguardar os interesses dos Goeses"*

*- disse Dr. Fernando Jorge Colaço, conhecido advogado goês, em entrevista a* **Óscar de Noronha**

Original interview in Portuguese accessible at
https://www.youtube.com/watch?v=fR7JJZOMVmg
17th episode of Renascença Goa, May 2019
(*Translated into Portuguese by Teresa Maria Colaço, Panjim, Goa*)

***O.N.*** *Today, we are going to talk to Dr Fernando Jorge Colaço, champion of the rights of Goans affected by the law of Evacuee Property….*

*Dr Fernando Colaço, a very good afternoon! To begin with, what is the status of the evacuees in international law?... Is there a so-called "Evacuee Law"?*

**F.C.** No, there isn't. There have been various internal laws, or say municipal laws, in States such as in South Africa, or of Apartheid, whereby they used to take over the assets. But that is perhaps a legacy of the medieval times, of the fourteenth century, when booty, war, and loot were the order of the day. But in the modern times, since the time of the economic and political liberalism of the new, independent nations of the eighteenth and nineteenth centuries, an Evacuee Law, regarding taking over the assets of the enemy, was already proscribed, as was slave trade. So, I don't

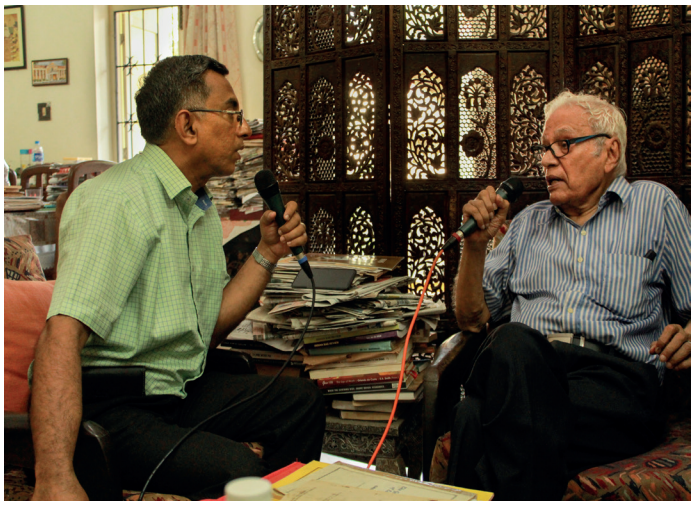


Figure. Interview to Dr. Fernando Jorge Colaço by Óscar de Noronha (May 2020).

know of any international law which permits, or has permitted, such law in the 20th century.

***O.N.*** *Therefore the law of Evacuees in Goa is unjustified…?*

**F.C.** Practically speaking, neither international Law nor the Indian law today considers, so to say, such a law to be legal or in accordance with a State regulated by the rule of law. The Evacuee Law was created – to me, it is an anti-law – it was created solely as political revenge by Goans against Goans – it is very sad to state this – and based on a copy of "The Evacuee Property Act, 1950" or called "The Administration of Evacuee Property Act, 1950", in the aftermath of the Partition of India and creation of Pakistan and India.

***O.N.*** *What do they do, for example, in the event of a war: who takes care of the properties?*

**F.C.** The first humanitarian diploma was called the "Universal Declaration of Human Rights, 1948". This Declaration foresees various issues such as: no hostages; no seizure of assets; respecting the right of ownership; human life, personal life, private life would be respected… and it was a manifesto against war for ever, with various ideals in this respect, although a bit problematic given that no man is a saint and never will be, so I think.

***O.N.*** *This law was never contested…*

**F.C.** No, but if possible it would be under the provisions of the Charter of the United Nations and under other diplomas, other international instruments, for example, the Geneva Convention of 12 August 1949, that of the Red Cross with four Conventions – three military and one civil. The so-called Fourth Geneva Civil Convention prohibits – as do the other three – the pillage and seizure of assets, and permits the repatriation, even within a certain time limit, of the prisoners to their land of origin, with all the social and human justice permitted, and to be also treated with dignity as prisoners.

***O.N.*** *How come the UNO did not take note of the anomalous situation in Goa?*

**F.C.** Look, practically speaking, on 18th December/19th December, the Security Council in the United Nations – which deals with such situations, say abnormal situations, in the world – when there is a complaint or even ex-officio, it can be by someone; and it even has the moral and ethical duty to intervene… but not to intervene directly but through its instruments of conciliation, but without interference, say military, in the countries in which there is an ongoing national or international conflict or an aggression of one country to another, for this is prohibited. There is in place a Convention of non-aggression between countries. All this is laid down…but it so happened that Portugal quickly made a complaint to the Security Council. There was a meeting quickly on 19th or 20th – in those days, in the Security Council – but unfortunately the problem was frustrated at birth by way of the so called "veto" which the then Soviet Russia exercised.

***O.N.*** *But you are speaking of the events of 18th and 19th December… I am not referring to that. I am talking about the Evacuee Property Act: how come no one lodged a complaint?*

**F.C.** The law of Evacuees in 1964 went off almost unnoticed because it was finally made although unlawful, illegal, null and void at birth, ab initio, but no one cared, on account of fear, cowardice and indifference at times and lack of knowledge of the reality. Here in Goa, when this law was made – all the minutes are there – it was a Bill of the very Government of Goa – it was discussed in the Legislative Assembly of Goa created in 1963, at the time of the M.G. Party [Maharashtrawadi Gomantak Party] of Mr Bandodkar… It was discussed, and all the 30 MLAs took part in the discussion… there lies

the human frailty... all of them, either due to jealousy or indifference or revenge against their brothers in religion, race, ethnicity, Catholics, Hindus, voted the law – with exception of Dr Álvaro Loyola Furtado, who had the nobleness and courage to state that this was an unlawful law; but in the end he was defeated – defeated but not convinced – but all of them voted for the law.

***O.N.*** *But how did he finally agree?*

**F.C.** Later he agreed because they removed some parts. He said the law was good, that is, as regards taking charge [of the properties] – it was not a law of confiscation, it was only for administration; it did not take away the title.

***O.N.*** *And who was the Custodian of these properties?*

**F.C.** There was one Mr A.P. Agrawal as Custodian. He was a Sessions Judge – Sessions Court of India, a deputationist. He was appointed Custodian of Evacuee Property for Goa. He was the main one. He had jurisdiction over the whole of Goa, Daman and Diu, from Pernem to Canacona and Daman and Diu. Totally. And only the Custodian who was sovereign, so to say.

***O.N.*** *Was he the only Custodian?*

**F.C.** No, he had an Assistant Custodian in each part. He had Assistant Custodians at Margão, at Daman and Diu.

***O.N***. *Okay, he had…*

**F.C.** Yes, Assistants who were Goan or non Goans from India, on deputation here. And I'll recount a curious case. Through the Custodian – Notices would go – to all the persons who had a relative or son/daughter or brother/sister or father who had travelled with Portuguese passport outside India. These Notices were published in the local newspapers of Goa. They gave some 8, 10, 15 days – on such and such day Show Cause Notice irrespective of the major or minor category, their social or juridical or political class, they were considered enemies of India – enemies in the force as enemies of the taking over of India, therefore "spiritual" enemies – disloyal to the regime, disloyal to the Indian regime, in Goa… Even a term "Pro-Portuguese" was coined. One of the first Notices is of Dr Abel Regalado de Álvares Colaço – ex-Secretary-General i.e. without caring for his category – and this created a great alarm in Goa; alarm in the most remote regions of Goa as well as in the cities. A mother like the mother of Dr [José Militão de] Quadros, an old lady, who received a Notice… and this then created an outcry, so Dr Jack Sequeira raised the issue, of such alarm in the Assembly, of and requested the then Governor of Goa to alter by a Circular or by any other Order to not send Notices in the newspapers but to send individual Notices to each person without such public outcry in the newspapers. This was what was done… And then it became all the worse for it because no one came to know what was being done.

***O.N.*** *Did the Custodian have the right to sell the properties?*

**F.C.** Complete discretionary power. He could state when he thought fit for any reason, that the person is "evacuee" – the law states, he can state non evacuee and has right to transfer in genuine cases to whosoever wanted to purchase. The Custodian used to sell the assets to whomsoever he wanted to.

***O.N.*** *But they didn't render accounts, did they? Every year?*

**F.C.** No, the accounts are kept in the Office of the Custodian. The monies are all deposited. He could present the accounts later…

***O.N.*** *But did they ever present the accounts?*

**F.C.** I requested for the accounts of Dr Quadros and of Dr Abel Colaço. They never gave me till today.

They promised to give…

***O.N.*** *How many cases were there, how many landowners were affected?*

**F.C.** As I was told, there were many… But there were also other defenders. In Margão there was, for example, Gilman Fernandes, there was Ben Souza who knew the law and must have had various cases of evacuees. But I think I had more. I had almost 500 of which I only lost two due to little political will, or because of political revenge, as I would say – one of Dr. José Militão de Quadros and the other was exactly and curiously of the wife of Dr. Miguel Quadros, Notary of Salcete, given as evacuee for being "White Portuguese"….

Look, the special case was of the seven from the Judiciary like my uncle José António Ismael Gracias, like Dr João Barreto Valeriano and family, Dr Aires Ricardo Mendonça, Dr Francisco Moniz, Dr Madeva Porobo Loundó – five… but there are seven that I won – all cases of entire families… I'll tell you, well, Mário Carmo Vaz with his whole family from Mozambique, and Dr Francisco Lopes – veterinary doctor at Angola.

I had the case of my mother and of my brother Álvaro, I have it here… Dr. Abel Colaço also. I have Bishop Altino Ribeiro de Santana.... There were many very important persons whom I defended.

More cases that I have are here, you can see…. This is the case which I had of Dr Orlando Costa which I won, thanks to which the present Prime Minister (of Portugal) António Costa still has his house at Margão; he has half the house, the other half is of the widow of João Costa, his elder brother.

***O.N.*** *In general, what was required to be proved to win the case?*

**F.C.** Prove that first – I laid great emphasis in all the cases which I won that it was not the first time that they went "on account of Liberation". It is seen from the reports even when the Bill was very much discussed that whoever went earlier was exempted. There are exemptions, even discretionary exemptions and not arbitrary ones, permitted for individual or case of individuals, according to the good discretion of the Custodian. Exemptions, like this there was also the exemption of Dr Abel Colaço, by Mr Bandodkar...

***O.N.*** *What was the reaction of the newspapers at that time?*

**F.C.** They did not react.

***O.N.*** *They did not react much?*

**F.C.** No, they did not react much, maybe due to lack of knowledge and because there were more pressing problems...

***O.N.*** *Did the people react a lot in those decades?*

**F.C.** I fought, and even in representation with other persons… Mrs Maria de Lurdes Figueiredo wrote a letter to the Ministry of Foreign Affairs of Portugal stating that they should have taken care, she said, but they did not care much. Neither the PSD Government nor the Socialist Government showed great interest in safeguarding the interests of the Goans. Let me state the truth. It was very sad because they did this because they loved their mixed culture, Luso-Indian culture, which the people of Goa had for 450 years. Vae victis – Woe to the vanquished, as the Visigoth Brennus stated when he took over Rome.

***O.N.*** *Where does the situation stand today?*

**F.C.** Curiously, only in 2005 the Government of India revoked various laws including the Evacuee Property Act 1950. In 2005…only much later! There were reactions in India also. Reactions of those in Karachi

who were evacuees; they lost many assets. It is even said that there was a brother who was a Minister in the Government of Pakistan and his brother, a Minister in India – ideological divisions, let us say. This was a grave case of Pakistan which the Supreme Court ordered after 20 years or so to restore the assets to the lawful owner, who was the son of the Pakistani Raja, and the Raja was Indian….

Here is the law which is already revoked in India. In India they already revoked it – but look here… I once spoke to Khalap [former Union Minister of State for Law and Judiciary]. He said "we are going to enact a law in five lines revoking the evacuee law". He never did it. The law continued till 2014 when it was transformed and the worst was done, by abolishing the titles.

There is a decision of Justice Shukla – the assets of Cuncolim and Veroda. Justice Shukla stated that acquisitive prescription occurred because during more than 30 years of good faith and so on, because there was one Mr Carvalho who was from Bombay ajd was the attorney of the owners of the Counts of Cuncolim and J. Shukla gives a decision which is reported in All India Reporter in which he states that in this case there were 1100 hectares. Here there were 3000 hectares of Mayem and 1100 of Veroda and Cuncolim – Sociedade Agrícola dos Gãocares de Verodá e Cuncolim – stating that they could not be owners of the Sociedade Agrícola and could not be evacuees because they were – so there exists the prescription of 30 years ergo omnes – and just title of occupation ergo omnes; they behaved like owners, peaceful and uninterrupted. So this decision was put aside as if it were waste paper….

***O.N.*** *Well, that was in India…. And in Portugal?*

**F.C.** There were various representations made during all these years… decades! Portugal, one may say, colluded with the enemy. The State does not want to take part or even go to even go to The Hague. The State won't go. They want each one to go, spending lakhs of rupees and wait for all that time and not knowing if it will be in favour or against. As Fausto Quadros said, the State owes this reparation officiously.

***O.N.*** *So what is the remedy?*

**F.C.** The remedy is for each one to file a Writ Petition. The just solution is to indemnify according to the law of rehabilitation of evacuees which the whole of India has since 2013. Take the fingers but pay for them.

***O.N.*** *After all this whole time of combat, how do you feel today?*

**F.C.** Look, I think almost at the end of my life also, that one of the reasons, maybe the main one, why I feel the joy of remaining in India, is of having saved many innocents from being labelled evacuees and losing their assets and their fortune and be wandering like vagabonds in those lands where they are. And I hope that one day there will be an international conscience which rehabilitates totally and puts an ends this Law of Abolition in India, a country that, I think, is guided by principles of non-violence, and to promote social and humanitarian justice for all its peoples who reside in the region called India.

***O.N.*** *Thank you very much, Doutor! May God bless you!*

**F.C.** I thank you too. I also liked it very much, because I wanted to state the truth. The truth has never harmed anyone, on the contrary...

# Remembering Amalia on Her Birth Centenary

*RECORDANDO AMÁLIA NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO*

by **Óscar de Noronha**

Associate Professor of English and Renascença Goa Presenter

Professor Associado de Inglês e Apresentador na Renascença Goa

**Performance by Amália Rodrigues in Goa, 1990**

*Atuação de Amália Rodrigues em Goa, 1990*

## *The legend lives on*

(Excerpts from an interview with **Óscar de Noronha**, published in **WEEKENDER**, Panjim, July 1990)

*O.N. – We in Goa lost track of all developments in Portugal right from 1961 to 1980. What changes took place in the music world in the intervening period?*

A.R. – The Portuguese love to be in contact with other peoples of the world, of developing greater contacts every time. 1961, 1974 meant reviravoltas (sudden changes) but all our life we thought of Goa, of the Portuguese culture in this land… You must realise the importance of the deeds of the Portuguese, of the Discoveries…. And Goa was ours. This enriched both Portugal and Goa. You must be proud of combining in you, two cultures… The Portuguese language is a brilliant testimony of this.

*O.N. – What impressions of Goa are you going to carry back home?*

A.R. – Ah, marvellous! The greenery, the vegetation, the Portuguese churches… We just visited Old Goa, and then we went to the Governor's Palace. There we

visited the chapel. I cried in there. You know I am a devotee of Our Lady of Mount Carmel. I am a lover of flowers. Outside the chapel I picked up a flower. That attracted my attention. I was overjoyed to know that the Chapel had Our Lady of Mount Carmel as the patroness!

*O.N. – D. Amália, do you have any message for the Goans?*

A. R. – Yes. My wish is that they may continue to speak the Portuguese language in this beautiful land that was once ours. I would love to come across more Noronhas, Gaspar de Sousas, Franciscos…

## *Fated to Sing*

(by **Óscar de Noronha**, in **Goa Today**, Panjim, July 1990)

International star Amália Rodrigues spent a few days in Goa to meet her fans and lovers of the Portuguese fado. She performed at the Dinanath Mangueshkar auditorium to a 1000-plus audience on the evening of June 5.

Despite her 70 years of age, Amália, as she is affectionately called, regaled one and all. Her language is universal, so the youngsters understood her too. But for the older folk which comprised 75 per cent of the audience the performance was tinged with nostalgia. The sentimental Portuguese sang their fado (fatum, fate) far from their country, on the banks of the Mandovi.

Born of humble parentage in Lisbon in 1920, Amália, who sang fados and tangos at the tender age of three, made her debut at 20. At the Campal auditorium she regaled the audience with twenty-eight fados, old and new. "Rosa Fogo", "Amêndoa", "Entrega", "Povo", her own "Grito", "Lágrima". And lágrimas de alegria (tears of joy) flowed down her cheeks when she noticed the excitement of her fans as she sang the older numbers like "Que Deus me perdoe", "Nem às paredes confesso", "Madragoa", "Barco Negro", "Mariquinhas", "Lisboa Antiga", "Alfama", "Lisboa Francesa", "Coimbra", "Ai Mouraria", "Foi Deus", to end with "Casa Portuguesa".

And a Casa Portuguesa it was indeed. Remarked an AIR staffer, "This is probably the audience we have for our weekly Renascença..."

Amália sang and conquered. She had four brilliant accompanists: Pinto Varela and Carlos Gonçalves (Portuguese Guitar), himself a composer, Joel Pina (Viola Baixo) and Lelo Rodrigues (Viola). The sustained brilliance of the foursome dramatically underlined the romantic and expressive nuances of the fado which came effortlessly from the Queen of the Fado. The enraptured audience only wished Amália had come here in her younger days.

A charismatic personality, Amália is said to have 'rescued' the fado, transforming it into a universal art. Today her strongest point lies in the fact that she can still draw a big audience the world over, but oddly enough not in Portugal itself. Still she is easily Portugal's best cultural ambassador to the world.

The show in Goa was sponsored by Fundação Oriente. Amália's stopover in Goa, on her way to Macau, South Korea, Japan, USA and Monte Carlo, was definitely a landmark in the cultural calendar of this tiny state, but sad to say, this occasion was mismanaged by local co-sponsors INTACH [Indian National Trust for Art and Cultural Heritage]. Things began going wrong right from the word go. Invitations and passes were distributed at the fancies of INTACH members much before the general public even become aware of the show.

A member of the audience commented that the passes finally went not to Amália fans but only to a coterie. The result: an indignant public responded by gate-crashing. And, certainly, enthusiasm overflowed from the back rows of the auditorium which comprised, among others, several gate-crashers!

What was also unbecoming was the near-anarchic scene at the gate and inside the auditorium where there were no ushers. The compere too was a poor choice: with scant knowledge of Portuguese, he faltered at every step, and even mispronounced the keyword, fado, to rhyme with mando!

Finally, unpardonable was also the fact that while Amália was showered with gifts, garlands and bouquets, from the Government of Goa, Panjim Municipal Council and INTACH, her four smart accompanists were left high and dry! Minus points for the fabled Goan hospitality.

An international star deserved better coverage in the press, not for her sake but for the benefit of the public at large. But Amália was hardly in the limelight. And it was hardly her fault. Her fado was to have the local entourage impose themselves on the Queen to the point of disallowing her contact with pressmen, barring a few instances of journalists who had to fight their way in.

But to Amália these things mattered little. It was also in her fado to lose her baggage in transit. But that did not deter her. Amália wore that beautiful smile and lent everyone her magic voice... that's because the fado turns magical with Amália.

This even makes us re-define the fado. The Portuguese language dictionary calls it destino, fatalidade, canção popular e dolente (destiny, fatality, a song popular and sorrowful). But the face of the fado has changed over the years. This compels us to redefine the Fado as Amália!

# Attulém e Pittulém

## *ATTULÉM AND PITTULÉM*

por **Dhruv Usgaonkar**

Professor Assistente de Português na Universidade de Goa e doutorando em Relações Internacionais na Universidade Nova de Lisboa

*Assistant Professor of Portuguese at Goa University and PhD student in International Relations at Universidade Nova de Lisboa*

**Resumo**

Lenda tradicional e infantil goesa, da colectânea de contos, inserida no livro Valesar, da autoria da escritora Geeta Nayak e traduzida para português por Dhruv Usgaonkar.

**Abstract**

Traditional childish tale, from a compendium authored by a goan writer Geeta Nayak and translated to Portuguese by Dhruv Usgaonkar.

Esta é uma história de duas irmãs, Attulém e Pittulém.

Elas viviam numa cabana perto da floresta.

Um dia, Attulém disse à sua irmã mais nova: "Olha Pittulém, este ano vamos fazer 'sannas' para a Gudi Padvá (novo ano hindu: Primeiro dia da primavera)?

"Claro que sim. O dia da Gudi Padvá não está muito longe", respondeu Pittulém.

"Pois é. Temos que fazer a lareira para as cozinhar. E para a lareira precisamos, de lenha: todavia, não vejo lenha nenhuma perto da nossa cabana. Temos de ir à floresta". Replicou Attulém.

"Não faz mal. Vamos lá. Podemos ir à colina ao pé da floresta; haverá muita lenha acolá", disse Pittulém entusiasmada.

À tarde, elas saíram para a colina. A subida foi dura, mas ao pensar nas 'sannás' elas fizeram a escalada.

No caminho encontraram uma caverna que estava, naturalmente, cheia de morcegos. Elas deram um grito

bem alto para os afugentar.

O que elas não imaginavam é que iria aparecer um tigre, Vaghoba, na gruta.

O tigre tinha acabado de lanchar um veado e estava cheio de sono.

"Ó diabo quem é que está ali? Porque é que me acordaram? O que é que vocês estão a fazer nesta floresta? De certeza são agentes da polícia! Vocês não fazem ideia com quem estão a meter!"

As irmãs ficaram assustadas "Não, não Sr. Tigre! Nós não somos a polícia"! Eu sou a Attulém e ela é a Pittulém. Nós só viemos buscar lenha para fazer as 'sannás'!"

"Lenha? De quem é a floresta? Do vosso pai? Não vão levar nenhuma lenha! Bem…. Deixo-vos ir embora porque é a primeira vez (a minha gentileza deve-se ao facto de ter acabado de lanchar bem!)"

As irmãs resfolegavam. A Attulém avançou um bocadinho e disse, "Sr. Tigre, por favor levamos apenas dois troncos. Queremos fazer 'Sannás'.

"Ora, o que são 'Sannás'? Não azucrinem a minha cabeça! Ponham-se já na rua!

"Sr. Tigre, as 'Sannas' são muito deliciosas. Nós faremos para si também. É só deixar levar alguma lenha", implorou Pittulém numa tentativa de acalmar o tigre.

"Então quando é que vocês farão essas 'Sannás'? Eu venho à vossa cabana nesse dia. Eu deixo-vos levar a lenha só se me convidarem para comer as sannás", murmurou o tigre cheio de sono.

"Metade para si, metade para nós. Meio a meio: venha amanhã ao início da tarde" disse Pittulém, com pressa de regressar à casa.

"Então fico a aguardar. Quando quiserem levem a lenha,". Sem esperar mais, as irmãs levantaram a lenha e fugiram para a casa.

No dia seguinte, as irmãs começaram a fazer as sannás. Tiraram o leite de coco, misturaram com a jagra (açúcar de palmeira) e, como tinham muita fome, começaram a comer as sannás.

As sannás estavam tão deliciosas que elas acabaram com todas. Quando a Pittulém meteu a sua mão na panela depois de comer a última sanná, reparou que a panela estava vazia.

"Aí, meu deus! Acabaram-se todas as sannás! Como é que nós esquecemos do Vaghoba? Não há nenhuma sanã para ele! Nós somos tontas! Logo mais ele vai chegar e desta vez vai matar-nos!"

"O que é que vamos fazer agora? Onde é que nos vamos esconder, mana? Chamamos a polícia? Mas quando a Attulém chegou à porta da cabana para tentar fugir, ela ouviu o Vaghoba a chegar. "Ora bolas! Ele chegou! Esconde-te! Depressa!"

E ela jogou umas cascas de jaca na lareira. "Ó Attulém, ó Pittulém, onde é que vocês estão? Olha, nem respondem!" gritou o Vaghoba.

A ouvir o grito do Vaghoba, a Attulém colocou a wok na lareira, acendeu o lume outra vez e jogou água na cofró (recipiente tradicional para cozinha a vapor) para fingir que estavam a cozinhar.

"Ó Vaghoba, espere lá, as sannás ainda não estão prontas!"

"Mas pelo menos abram a porta!"

Só que as irmãs estavam escondidas. A Attulém

estava escondida num pote e a Pittulém numa caixa. Debaixo do pote havia carvão, porque era ali que assavam as castanhas de caju.

Impaciente, o tigre empurrou a porta e entrou na cabana. Ele reparou que o cofró estava vazio e a lareira tinha cascas de jaca no lume. Ele viu alguns pedaços no chão e percebeu que as irmãs tinham acabado as sannás.

Furioso, ele começou a procurá-las na cabana.

Entretanto, o pote no qual Attulém estava escondida estava a aquecer por causa do carvão. A Attulém agitou os seus pés e o pote começou a tremer. O Vaghoba apercebeu-se que uma delas estava escondida dentro do pote, mas não imaginou que as castanhas estavam quase assadas. Quando abriu a tampa do pote, as castanhas assadas começaram a explodir. Assustado, impeliu o pote que caiu. As brasas de carvão entraram nos seus olhos quase cegando-o.

No outro lado, na caixa onde a Pittulém estava escondida, havia uns ratos a viver na mesma. Um dos ratinhos começou a subir pelo seu corpo e a fazer cócegas. Quando ela ia berrar, tapou a sua boca. Contudo, o Vaghoba sentiu a sua presença na caixa, pegou na Pittulém e saiu da cabana.

No entanto, ele não conseguia ver muito bem por causa das cinzas nos seus olhos.

Entretanto, a Pittulém, nas costas do tigre, sentiu um barulho no seu estômago. Ela lembrou-se que tinha comido muitas castanhas com o estômago vazio e, a seguir, as sannás. Ela não se conseguiu controlar mais e deu um flato muito sonoro, como um foguete do festival do Deus Ganesha.

Assustado, o tigre deixou a Pittulém cair das suas costas e começou a fugir, pensando que tinha sido o disparo da pistola de um polícia. Como ele não conseguia ver muito bem, caiu num poço, mas não morreu graças à água, que limpou os seus olhos.

Entretanto a Attulém tinha chamado a polícia e juntou-se à Pittulém no poço.

"Ó Vaghoba, tu queres sannás? Ei-las!" Gritaram as irmãs apontando os polícias, que tiraram o tigre do poço e o levaram ao jardim zoológico de Bondlá.

# Goa, where are my goans ?

*GOA, ONDE ESTÃO OS MEUS GOESES ?*

by **Shastri Rodrigues Rebelo**

Goa Heritage enthusiast, Varca, Goa

*Entusiasta do Património de Goa, Varca, Goa*

Goa, where are my Goans?
Goans, where is my Goa?

Born in God paradise
Amidst the coconut trees swinging in blue skies
Rice fields and migratory birds
water bodies with Lotus peeping out
And fresh water fish swimming along

Coconut trees and rice fields
Water bodies and rivers
The source of livelihood
That made our ancestors rich
And kept our Paradise green.

Centuries of peace and harmony
In spite of 450 years of foreign rule
Living in community under Gavkari system
With sucegado the way of life
And its unique culture.

Simple living within limited resources
Religion within the four walls
Humanity among the community.
Humility, compassion among the neighbours.

Liberated for liberty
Desperate for independency
Dream partly fulfilled
Not completely achieved.
Coconut tree turned to grass
Field turned to grey mass
Water bodies turned to dust.

Gods greenery getting destroyed
Rome of Orient dying a slow death
Unique culture slowly diminishing
Communal harmony perishing
Our creator from heaven is watching
The root cause of evil - Men's greed
killing the Goose that laid a golden egg.

Goa nourished and cherished
By our ancestors even under a foreign rule
And today its betrayal by our very own.
Creating divisions and rivalries.
Destroying Humility and compassion
The Characteristics of a true Goan
A key to Harmony and unity.

Goa, where are my Goans?
Goans, where is my Goa?

(*Dedicated to my father and ancestors*)

# Fernando De Noronha: Cultor De Português

*FERNANDO DE NORONHA: A PORTUGUESE SCHOLAR*

por **Mário Viegas**

Foi diretor, cofundador e/ou redator das revistas | *Past director, co-founder, and/or editor of magazines*

Elo (Lourenço Marques), Voz da Zambezia (Quelimane), and Ecos do Oriente (Lisboa)

Como achega ao depoimento «Fernando de Noronha: Tributo ao meu Pai», de Óscar de Noronha, publicado na II Série, nº 3 desta Revista, registo aqui o meu testemunho da vivência com este ilustre goês.

Na primeira viagem que fiz a Goa, Josico Prazeres quis que o meu primeiro contacto fosse com um seu devotado e velho amigo – Fernando de Noronha, com quem cavaqueava, saudosos da poética da língua portuguesa. Deslocámo-nos à sua casa na baixa de Pangim, um imóvel que foi Tribunal da Relação (Figura).

Fernando de Noronha, perspicaz, mas conciso na oratória, acolheu-nos com bastante gentileza, começando por indagar sobre as transformações da vida lusitana. Era um devoto fã de Amália. Cativou-me, e esse fascínio fez com que perscrutasse ainda mais o filme da sua vida.

Nasceu em Aldonã a 16 de janeiro de 1920. Aproveitou a sua aposentação, nos anos 70, para cultivar o bichinho pela língua de Camões ligando-o à imprensa local, nomeadamente ao Heraldo.

Funda, com outros, em 1983, o semanário A Voz de Goa, que tinha por subtítulo "Órgão da cultura e difusão da Língua Portuguesa", no qual também colaboraram os filhos. Continuou sempre ligado ao português como professor. E atendendo aqueles que o procuravam para consulta: jornalistas brasileiros e portugueses…

Uma odisseia num mundo blindado contra o português.

Testemunha de acontecimentos relevantes, de percursos de amigos e conhecidos proeminentes da sociedade goesa, deixá-los na penumbra seria, um ato irrefletido e de incúria histórica. Urgia documentá-los, torná-los acessíveis para os imortalizar. A língua portuguesa foi o veículo privilegiado para imortalizar as suas histórias. E assim publica em 2002: "Momentos do Meu Passado", com ilustrações de Mário de Miranda. Mas os seus sonhos não se esgotam nesta obra.

Continua - perpassam-lhe então instituições que frequentou ou delas soube pelas suas

ações a favor da educação em Goa – Instituto Vasco da Gama e o Seminário de Rachol -, os governadores e os seus programas e planos de ação, os deputados goeses à Assembleia Nacional, a língua portuguesa e os seus cultores, não esquecendo os movimentos nacionalistas da época com os seus boletins de propaganda. Olha a vida nas cidades e nas aldeias. Finalmente, os protagonistas da vida goesa com todas as suas funções, "Goa, tal Como a Conheci", publicado, postumamente.

A última vez que estivemos juntos foi na tarde de 10 de fevereiro de 2010, na sua casa, com a esposa e filhos, entre os quais Orlando (premiado pelo ex-Presidente Cavalo Silva com uma guitarra portuguesa), noras e netos.

Fernando de Noronha faleceu no dia 6 de junho de 2012, na sua casa.

Figura: A casa de Fernando de Noronha na Av. Dayanand Bandorcar Marg (ex-Vasco da Gama).

# José Furtado: Presidente das Águas de Portugal

## *JOSÉ FURTADO CHAIRMAN OF ÁGUAS DE PORTUGAL*

O nosso consócio José Athaíde Furtado, regressa ao grupo Águas de Portugal, depois de ter lá estado, como administrador entre 2002 e 2005. Foi eleito por unanimidade dos acionistas para o mandato 2020-2022.

José Furtado, de 59 anos, é licenciado em gestão de empresas e quadro da Caixa Geral de Depósitos. Entre 2013 e 2020 foi Administrador Executivo do Banco Comercial de Investimentos de Moçambique do Grupo CGD.

*Our associate member José Athaíde Furtado, returns to the Águas de Portugal group, after belonging to its management board between 2002 and 2005. He has been unanimously elected by the shareholders for the 2020-2022 term.*

*José Furtado, 59, has a degree in business management and is a board member of Caixa Geral de Depósitos. Between 2013 and 2020 he was Executive Director of Banco Comercial de Investimentos de Moçambique at CGD Group.*

# João Leão: Ministro Das Finanças de Portugal

## *JOÃO LEÃO: PORTUGUESE MINISTER OF FINANCE*

João Rodrigo Reis Carvalho Leão, 46 anos, é ministro das Finanças desde Junho de 2020. Com esta nomeação, o governo atual passa a incluir três governantes de origem goesa: António Costa (Primeiro Ministro), Nelson de Souza (Ministro do Parlamento) e João Leão.

De origem goesa, é filho do Eng. Cláudio Fernandes e neto do Prof. Leão Fernandes, professor no Liceu Nacional Afonso de Albuquerque em pangim, e de Ana Emirene Carvalho.

Licenciou-se e tornou-se Mestre em Economia pela Universidade Nova de Lisboa, tendo feito o doutoramento pelo Massachusetts Institute of Technology, nos Estados Unidos. É professor de Economia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) desde 2008 e investigador da Business Research Unit desse Intituto.

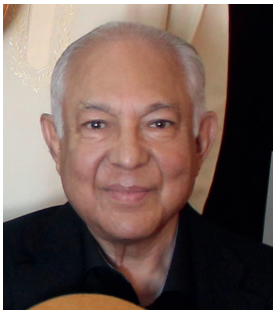
*João Rodrigo Reis Carvalho Leão, 46, is the Portuguese Minister of Finance since June 2020. With this nomination, the Portuguese government now includes three governors of Goan origin: António Costa (Prime Minister), Nelson de Souza (Minister of Parliament) and João Leão.*

*Of Goan origin, he is the son of Eng. Cláudio Fernandes and grandson of late Prof. Leão Fernandes, teacher in Pangim. at Liceu Nacional Afonso de Albuquerque in Pangim, and Ana Emirene Carvalho.*

*He graduated and became a Master in Economics at Universidade Nova de Lisboa, having done his PhD at the Massachusetts Institute of Technology, in the United States. He has been a professor of Economics at the Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) since 2008 and a researcher at the Business Research Unit of that Institute.*

# Obituário

*OBITUARY*



(1943 - 2020)

Faleceu recentemente o sócio da Casa de Goa José Arvind Barbosa, conhecido por todos nós como Arvi.

Engenheiro informático, trabalhou grande parte da sua vida na empresa Siemens e depois de se reformar voltou às suas origens, à sua casa em Margão.

À Casa de Goa deu o melhor do seu saber na arte de compor e na criação musical. Foi Diretor Musical do Grupo Ekvat e deixou importantes peças da sua autoria, como Matiechem Bangar, Fantasia em Dehkni e a sua obra prima Nomoskar.

*José Arvind Barbosa, known to all of us as Arvi, associate member of Casa de Goa, passed away recently.*

*As computer engineer, he worked most of his life at Siemens and after retiring, he returned to his homeland - Margao.*

*To Casa de Goa, he gave the best of his knowledge in the art of composing and musical creation. He was the Musical Director of the Ekvat Group and left important pieces of his own, such as Matiechem Bangar, Fantasia in Dehkni and his masterpiece Nomoskar.*